



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS – CAHL
LICENCIATURA EM HISTÓRIA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO**

ELSON DA SILVA SANTANA

**SOCIEDADE FILARMÔNICA UNIÃO SANFELIXTA: UMA
INSTITUIÇÃO SOCIOCULTURAL RESISTENTE AO TEMPO**

**CACHOEIRA - BA
2018**

ELSON DA SILVA SANTANA

**SOCIEDADE FILARMÔNICA UNIÃO SANFELIXTA: UMA
INSTITUIÇÃO SOCIOCULTURAL RESISTENTE AO TEMPO.**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado ao componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora Profa. Dra. Martha Rosa Figueira Queiroz

CACHOEIRA-BA

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

(Provisória)

Santana, Elson da Silva.

Sociedade Filarmônica União Sanfelixta: uma instituição sociocultural resistente ao tempo/ ELSON DA SILVA SANTANA. – Cachoeira/Bahia, 2018.

54 f.

Orientadora: Martha Rosa Figueira Queiroz

TCC (Graduação – Licenciatura em História) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras/ UFRB, 2018.

1. Filarmônica. 2. União Sanfelixta. 3. Cultura. 4. Memória. I.

QUEIROZ, Martha Rosa F.. II. Título.

ELSON DA SILVA SANTANA

**SOCIEDADE FILARMÔNICA UNIÃO SANFELIXTA: UMA
INSTITUIÇÃO SOCIOCULTURAL RESISTENTE AO TEMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura
em História da Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia (UFRB).

Aprovado em ____ / ____ / _____

Banca Examinadora

Orientadora Profa. Dra. Martha Rosa Figueira Queiroz
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Examinador 1 Interno: Prof. Dr. Eliazar da Silva
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Examinador 2 Externo: Prof. Me. Fábio Batista Pereira
Secretaria de Educação da Bahia

AGRADECIMENTOS

A realização desse trabalho foi de uma grande satisfação para mim, sendo possível graças à colaboração e paciência de várias pessoas que dedicaram seu tempo de forma direta e indireta, indivíduos que mesmo sem me conhecer se disponibilizaram para compartilhar um pouco da sua memória sobre a União. A princípio a Deus por ter me dado: paciência, discernimento, saúde para superar todas essas barreiras que encontrei no caminho.

A minha orientadora Profa. Dra. Martha Rosa Figueira Queiroz, por sua disponibilidade, atenção, apoio e incentivo nesse processo de elaboração do trabalho. Além das suas assíduas sugestões, conselhos possibilitando a conclusão da pesquisa.

A Sociedade Filarmônica União Sanfelixta, uma segunda família para mim, onde participo desde os 8 anos de idade, em nome do Presidente Hadson de Oliveira, que concedeu os materiais necessários para análise desta pesquisa e por suas palavras de apoio e incentivo, sendo possível para o resgate da história desta grandiosa filarmônica que me orgulho de fazer parte e que vem contribuindo cada vez mais para a educação musical de muitos jovens da nossa sociedade Sanfelixta.

Aos funcionários do Arquivo Público Municipal de São Félix, por toda colaboração paciência e atenção que me concederam ao longo deste trabalho.

As minhas professoras no ensino médio, Elia e Elba Matos pela atenção, carinho na correção desta pesquisa, além do incentivo.

Aos meus familiares e por todo apoio e incentivo ao longo de minha carreira acadêmica, em especial meus pais Antônio Carlos Carolino e minha mãe Maria José, meus irmãos Otoncarlos, Jéssica Santana e minha namorada Lara Almeida, por sempre estarem me motivando, pegando no meu pé nos momentos de desânimo, estresse, sendo assim possível chegar à conclusão dessa etapa de minha vida e a presença e participação deles foram fundamental para mim.

E a todos meus amigos tanto os de infância e aos que fiz ao longo dessa vida acadêmica, onde estiveram sempre dando uma palavra de apoio, ajudando de alguma forma nessa etapa durante a universidade.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de registrar a história da Sociedade Filarmônica União Sanfelixta, uma instituição centenária, um patrimônio cultural não só do município, mas também do Recôncavo, que durante o período de 1964-1985, foi marcada pela ditadura militar no Brasil. Com isso, o intuito desse artigo foi buscar respostas para as seguintes perguntas: Como a União mantinha seu funcionamento? De que forma captava recursos financeiros para a sua manutenção? Quais eventos que participava? Quais eram os perfis dos integrantes da banda? A ditadura militar teve alguma ligação nas atividades das bandas filarmônicas? Este trabalho é de cunho qualitativo, em que os métodos utilizados para responder tais questões foram pesquisas em fontes primárias da instituição (atas, estatuto, acervo fotográfico), além da pesquisa em jornal local “O Correio de São Félix”, entrevista com ex-integrantes da filarmônica que participaram da banda dentro do recorte temporal de estudo e pesquisa bibliográfica sobre bandas de música no Brasil, contribuindo para a elaboração desta pesquisa. A motivação para a realização desta pesquisa se deu por eu ser um músico da Sociedade Filarmônica União Sanfelixta, uma instituição que aprendi a amar e na qual tinha o desejo de rescrever uma parte da sua história para quem sabe seja mais valorizada, respeitada, pois diante de tudo que superou ao longo desses 100 anos de existência, continua erguida e levando a arte musical para todos os amantes da música. Portanto, a realização desta pesquisa pretende contribuir para a conservação da história e memória da União Sanfelixta.

Palavras-chave: Filarmônica; União Sanfelixta; Cultura; Memória.

ABSTRACT

This work aims to record the history of the Union Sanfelixta Philharmonic Society, a centennial institution, a cultural patrimony not only of the municipality, but also of the Recôncavo, which during the period 1964-1985 was marked by the military dictatorship in Brazil. With this, the purpose of this article was to seek answers to the following questions: How did the Union maintain its functioning? How did you raise funds to maintain it? What events did you attend? What were the profiles of the band members? Has the military dictatorship had any connection in the activities of the philharmonic bands? This work is qualitative, in which the methods used to answer such questions were researches in primary sources of the institution (minutes, statute, photographic collection), in addition to the local newspaper survey "O Correio de São Félix" members of the philharmonic who participated in the band within the temporal cut of study and bibliographical research on bands of music in Brazil, contributing to the elaboration of this research. The motivation for this research came about because I was a musician from the Union Sanfelixta Philharmonic Society, an institution that I learned to love and in which I had the desire to rewrite a part of its history for who knows it is more valued, respected, because of everything that has surpassed throughout these 100 years of existence, continues to rise and take musical art to all lovers of music. Therefore, the realization of this research intends to contribute to the preservation of the history and memory of the Sanfelixta Union.

Keywords: Philharmonic; Sanfelixta Union; Culture; Memory.

LISTA DE SIGLAS

ARENA	Aliança Renovadora Nacional
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MEC	Ministério da Educação
INPS	Instituto Nacional de Previdência Social
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
FESTFIR	Festival de Filarmônicas do Recôncavo
FEBAF	Federação das Bandas Filarmônicas da Bahia
UDN	União Democrática Nacional
PAC	Plano de Ação Cultural
DESC	Departamento de Ensino Superior e de Cultura
CEC	Conselho Estadual de Cultura
FCEBa	Fundação Cultural do Estado da Bahia
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
DAC	Departamento de Assuntos Culturais
SEAC	Secretaria da Cultura
IPAC	Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – A CIDADE E AS POLÍTICAS CULTURAIS.....	17
1.1 A Cidade Presépio.....	17
1.2 Políticas culturais e as Filarmônicas.....	19
CAPÍTULO II - A MÚSICA COMO INSTRUMENTO EDUCADOR	25
2.1 A música no Brasil.....	25
2.2 Filarmônicas no Recôncavo.....	27
2.3 Tranquilino Bastos.....	30
2.4 Sociedade Filarmônica União Sanfelixta.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
FONTES.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49
APÊNDICE.....	51
ANEXOS.....	52

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a Sociedade Filarmônica União Sanfelixta a partir dos aspectos políticos e sociais de São Félix, no recorte temporal de 1964-1985, período em que ocorria a ditadura militar no Brasil, na qual nesse contexto a cultura foi reprimida, privada de se manifestar e as bandas filarmônicas apesar de seguir uma linha parecida aos padrões do militarismo tiveram pouca atenção ou apoio do regime, e por ser uma filarmônica centenária, filantrópica presente no recôncavo baiano. Apesar do período de recorte de estudo, traço comparações com a atualidade, mas sem fugir do objetivo central de pesquisa. A União contribui até hoje para a formação musical, social e principalmente influenciando na carreira militar do indivíduo, onde muitos músicos aproveitam do ofício, onde temos cabos músicos do exército, policiais militares, além dos que não seguem carreira militar, mas tocam em grandes bandas de vários gêneros aqui na Bahia como pagode, samba, axé e outros exercem o ofício de professor musical.

A Sociedade Filarmônica União Sanfelixta foi fundada em 7 de setembro de 1916, tendo principal objetivo, cultivar e desenvolver a arte litero-musical na comunidade Sanfelixta, sendo uma tradicional banda entre as coirmãs. A forte tradição musical do Recôncavo imprimiu em São Félix um gosto musical que norteia as ações da filarmônica até os dias atuais. As atividades desenvolvidas pelas filarmônicas contribuem para a formação do sujeito na atuação não apenas individual, mas também nas formas coletivas, tanto na instituição como na vida social, que de acordo com Moreira (2008: 96),

Podemos como educadores musicais entender a possibilidade e a responsabilidade de unir a música e o social como partes integrantes de educação, no intuito de auxiliar a formação do caráter, o amadurecimento, o enfoque da consciência de mundo [...], portanto, o papel desse discente não é só como músico, mas também como cidadão na sua própria relação cotidiana com a comunidade em que vive.

Com isso, o intuito dessa pesquisa, é fazer um estudo sobre a história da Filarmônica União Sanfelixta no recorte temporal de 1964-1985, para isso pesquisamos em quais eventos a instituição participava, quais eram os perfis dos músicos e dirigentes, qual o tipo de músicas que eram executadas, ligação política no período e como mantinha o seu funcionamento. Para chegarmos às respostas para esses questionamentos foram utilizadas fontes orais partir de entrevistas com músicos, diretores e sócios que atuavam na instituição no período analisado, livros de atas das reuniões da direção das assembleias gerais envolvendo os músicos, além da utilização de recortes do jornal local “O Correio de São Félix” e de teóricos que estudam as bandas filarmônicas.

Sendo músico, clarinetista desta instituição por cerca de 15 anos e participando sempre das atividades, como as reuniões da diretoria que ocorrem mensalmente para tratar de diversos assuntos como a estruturação da banda, tocatas e prestações de conta. Para se manter hoje em dia as filarmônicas passam por sérios problemas devido à falta de investimento, principalmente por parte dos governantes, pois há vários custos para cobrir e garantir o suporte a estes patrimônios. Atualmente a pouca ajuda recebida, são insuficientes para suprir todas as necessidades da instituição, coisas básicas como: fardamento, instrumentos, funcionários, a própria sede da instituição, luz, água, professor de música. Ressalto o caso da União, que é a minha realidade diária como, por exemplo, o maestro não recebe nenhuma remuneração como nas demais filarmônicas, que seria o correto, já que dedica seu tempo à frente de uma banda. Trago esta situação referente ao maestro, pois em boa parte das filarmônicas existe remuneração para este profissional, que tem essa responsabilidade de conduzir a banda, mas devido à realidade financeira da União isso não ocorre. Devido há esse pouco suporte financeiro recebido ele atua por paixão a esta instituição na qual foi formado.

Com isso, podemos observar que é algo que ocorre em Muritiba, de acordo a Santos (2017:19), quando afirma que, “a comunidade muritibana possui uma forte identidade com a Filarmônica Lira Popular Muritibana e preserva a sua história valorizando sua cultura. Um diferencial sobre as demais cidades possuidoras de Filarmônica, que vivem em situação de descaso”, mesmo a União Sanfelixta contando com o apoio dos sócios e comunidade Sanfelixta, por parte dos poderes públicos, que não dão um suporte necessário a essas importantes instituições culturais eles se encontram em descaso.

Fundamentado nos fatos mencionados anteriormente, busco apresentar nessa pesquisa, como era a atuação da União Sanfelixta na década de 1960-1980, período em que a ditadura militar foi imposta no Brasil, visando entender como a União mantinha seu funcionamento.

As filarmônicas e suas bandas foram estruturadas e consolidaram-se ao longo da segunda metade do século XIX e início do XX, com o objetivo de manter a banda de música, ganhando cada vez mais espaço na vida musical urbana, cívica da sociedade, formando-se e utilizando de nomenclaturas que conhecemos hoje como filarmônica, euterpe, lira, clube recreativo e musical, corporação ou grêmio beneficentes, operarias ou conspiradoras¹.

De acordo com Horst Schwebel (2009), que traz uma distinção entre banda de música e filarmônicas, “os termos evidenciando que embora sejam os mesmos conjuntos musicais,

¹ CAJAZEIRA, Regina. Educação continuada à distância para músicos da filarmônica Minerva: gestão e curso Batuta. 2004. Tese (doutorado em Música) – Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004, p.33.

formados de sopro e percussão, distinguíam-se pelo fato da banda de música referir-se à banda militar, enquanto que a filarmônica é uma associação civil com sede, estatuto e sócios”.

No recôncavo o termo mais utilizado para definir as bandas são “bandas filarmônicas” para as instituições, diferente de outras cidades como afirma Cajazeiras:

As filarmônicas são sociedades civis que surgiram no Brasil durante o século XIX, com o objetivo de manter uma banda de música. Com a falta da fazenda, após a escravatura, alguns fazendeiros, junto com comerciantes e pessoas da comunidade, formaram sociedades civis, usando a nomenclatura de filarmônica, euterpe, lira, clube recreativo e musical, corporação ou grêmio beneficente, operárias ou conspiradoras. Todas com o objetivo de manter a banda de música. Mantêm, até hoje, o compromisso de seguir as tradições das primeiras bandas. (CAJAZEIRAS, 2004, p.33).

As filarmônicas são instituições importantes na composição de qualquer sociedade, na qual não deve está vinculado a nenhum grupo político, pois é um espaço de aprendizagem musical, de lazer e feito pra atender a todos públicos da sociedade, independente de bandeira política que se identifique, de classe social, visando ser uma ferramenta para educar, transformar e propor uma melhor conduta ao indivíduo perante a sociedade, além de contribuir para abrilhantar quaisquer eventos que participe, levando seus ritmos harmônicos através das músicas. Por esses motivos, se a instituição defendesse algum partido afastaria muitos jovens e famílias que fossem adeptos a outra coligação.

Vale ressaltar que, principalmente as cidades de São Félix e Cachoeira contribuíram muito para o comércio, devido sua localização e à influência da sua rota marítima, colaborando para avanço econômico do Recôncavo da Bahia, expoente na manufatura do fumo, e com vasta riqueza histórico-cultural, porém mesmo sendo um forte poderio econômico não foi encontrada nas pesquisas a participação dessas instituições fumageiras como Dannemann, Suerdieck, Costa Pena e Leite & Alves contribuindo as filarmônicas existentes.

O motivo que me levou a pesquisar esse tema está relacionado ao fato de ser músico formado na Filarmônica União Sanfelixta, uma instituição que possui 100 anos ininterruptos, onde ela tem um importante papel na formação não somente musical, mas educacional e social dos jovens perante a sociedade, levando-o a ter melhores atitudes e compreensão do que é certo ou errado e papel que ele representa por ser um aluno da filarmônica. Ingressei no ano de 2002, passando pelo processo de solfejo, divisões rítmicas, na qual levei cerca de um ano para ter contado com o instrumento, após essa primeira etapa peguei clarinete, iniciando a

etapa da escolinha de música, aonde vim aprendendo a parte de sopro, desenvolvendo a técnica com o instrumento, dentro de meses de estudo cheguei à banda.

Entrei na União devido à influência de meus pais e irmão por já fazer parte da banda, a filarmônica contribuiu para a ampliação do meu ciclo de amizade, ajudou a conter timidez em apresentar para o público, além de melhorar na minha postura de comportar em determinados lugares e na sociedade. Mesmo com as limitações e dificuldades, como falta de apoio muitas vezes na sua maioria das autoridades, essas permanecem firmes levando a cultura musical e doutrina para aqueles que amam a música, sendo algo passado de uma geração para outra.

Através da União conheci cidades como Belmonte, Canavieiras, Wenceslau Guimarães, Morro do Chapéu entre outras e o que ganhamos nesses encontros ultrapassa a diversão, o lazer, pois quando uma filarmônica é convidada a participar de determinado evento em quaisquer municípios, desde uma procissão até um encontro de bandas, ela não leva apenas ao conhecimento dos que prestigiam o evento apenas o nome da banda, mas também da sua cidade, da sua cultura que se faz presente através da música. Isso que anima e faz com o que o músico se sinta valorizado e motivado a está levando sempre a música por toda parte.

Com isso, analisarei a partir da década de 60 a 80, período em qual o Brasil passa por uma política controladora que era a ditadura militar, pois estudar a filarmônica pode contribuir para seu reconhecimento, valorização na sociedade atual e sendo uma filarmônica centenária ela faz parte da história do município além de ter vivenciado várias transformações que sobreveio ao longo da história principalmente as mudanças políticas e sociais que ocorreram durante a ditadura.

Esse trabalho tem um cunho qualitativo, pois segundo Carlos Gil (2002: 42),

“esse tipo de pesquisa têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações. Sendo o que mais aprofunda da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas”.

Para alcançar as respostas, utilizei as metodologias: análise dos documentos como livros de atas, estatuto, recortes do Jornal Correio de São Félix, entrevista com ex-integrantes da filarmônica (músicos, diretores), pois segundo Ferreira (2002: 14),

“a história oral nos permite detectar duas linhas de trabalho: a primeira trabalha prioritariamente com os depoimentos orais como instrumentos para preencher as lacunas deixadas pelas fontes escritas, enquanto a outra abordagem é aquela que privilegia o estudo das representações e atribui um

papel central às relações entre memória e história, buscando realizar uma discussão mais refinada dos usos políticos do passado”.

A utilização do jornal como fonte histórica é importante, devido ao tema do trabalho de conclusão de curso no seu recorte temporal do regime militar, pois para chegar à compreensão do mantimento da estrutura da Filarmônica União Sanfelixta, os dados e relatos nele encontrado trouxeram informações ricas para o desenvolvimento desse projeto. Na busca de informações a respeito do meu tema de pesquisa analisei o Jornal Correio de São Félix desde o ano de 1960 até 1975, que foram as últimas publicações encontradas, pois as demais foram perdidas nas enchentes que ocorriam constantemente. Porém o uso do jornal como fonte histórica levou um tempo para ser vista como objeto de estudo, só ao longo do tempo que a historiografia mudou essa visão. Para Tânia Regina de Luca (2008), o uso dessa ferramenta era vista pelos historiadores como não confiáveis, a imprensa não era vista como uma fonte de pesquisa, pois poderia facilmente manipular qualquer informação e somente começou a sua utilização a partir do ano de 1970, que mesmo assim foram poucos teses, estudos em torno dos jornais.

No Brasil os jornais a partir da instauração do regime militar passaram a ser controlados pelo estado com a instituição do AI 5, que de acordo com Samways (2008, p.4):

Para manter sua boa imagem e impedir que “influências negativas” chegassem à população era necessário aumentar o controle à imprensa, evitando que ela desse espaço para o discurso inimigo. Esse controle foi de grande utilidade, pois impedia que grande parte da população soubesse dos atos repressivos, autoritários e violentos por parte do governo. Estava proibido críticas ao governo em todas as suas esferas; impedia que o teatro apresentasse peças subversivas e “perigosas”. Porém, esse processo de cerceamento da cultura e da informação demorou quatro anos para se consolidar efetivamente dentro do governo de exceção. De ato em ato montou-se um aparato controlador de grande eficiência, que iria espalhar censores por toda a parte, cortando e alterando tudo aquilo que não atendesse aos ideais militares e conservadores.

O Jornal Correio de São Félix, foi fundado por Antônio Antydio Luiz, em 29 de abril de 1934, circulava semanalmente. No ano de 1942 torna-se diretor do jornal Luiz Gonzaga Dias, que foi vereador, presidente da Câmara Municipal e presidente da Sociedade Filarmônica União Sanfelixta, o qual assinava pelas publicações referentes à banda². Porém o periódico parou de circular na década de 90, retornou recentemente, entretanto sua circulação ocorre esporadicamente. Luiz Gonzaga que era o responsável pelas assinaturas do jornal era filiado ao partido ARENA, tido como partido do governo.

² Arquivo Público Municipal de São Félix.

Portanto, para construção do texto e debates acerca da chegada e formação das bandas filarmônicas (surgimento, difusão, percursos do ensino de música, iniciação musical), foram utilizados os trabalhos de *O semeador de orquestras* de Jorge Ramos (2011), *Composição para banda filarmônica* de Frederico Meireles Dantas (2015), *No ritmo do compasso, a melodia das filarmônicas em harmonia com o tempo* de Melira Elen Cazaes (2014), *A Música em Salvador: Um Breve Percurso Histórico (dos jesuítas até 1897)* de Maria Perrone (1997), *Educação continuada à distância para músicos da filarmônica Minerva: gestão e curso Batuta* de Regina Cajazeiras (2004), *Manuel Tranquillino Bastos: estudo de duas obras para clarineta* de Juvino Santos Filho (2003).

Para compreender questões referentes à Sociedade Filarmônica União Sanfelixta como o funcionamento, estrutura, aquisição de verbas, apresentações, foi necessário o uso das entrevistas com músicos e dirigentes, além do recorte do jornal Correio de São Félix (1960-1980) e ata das reuniões da direção, que contribuíram positivamente para pesquisa pelos dados que foram coletados. Para compreender as políticas culturais criadas pelo governo federal e estadual, analisando de que modo contribuíram para a cultura no estado da Bahia voltando esse olhar para as bandas filarmônicas, *utilizamos Política cultural no Brasil: um breve histórico* de Lia Calebre (2005), *Políticas culturais na Bahia: panorama histórico* Hanayana Brandão Lima (2011), *Políticas culturais no estado da Bahia 1945/1964* de Bruno Basto Maciel (2006), *A moderna tradição brasileira: Cultura brasileira e indústria cultural* de Renato Ortiz (1989), *Políticas culturais* de Antônio Albino Canelas Rubim (2006), *Políticas Culturais na Bahia (1964 – 1987)* de Sara Uchôa (2006), *A Capela D’Ajuda já deu o sinal: relações de poder e religiosidade em Cachoeira* de Luiz Claudio Nascimento (1995).

No primeiro capítulo venho abordando um pouco da história do município de São Félix, trazendo questões como a sua formação com a chegada dos portugueses juntamente com os jesuítas, a sua participação no processo de Independência da Bahia, a força do comércio e das indústrias de fumo no período até o declínio da economia. Em seguida trago um debate sobre as políticas públicas durante a ditadura e de que forma essas políticas atuaram frente às filarmônicas, respondendo se trouxeram algum benefício para as bandas.

No segundo capítulo, traçamos a chegada da música no Brasil, que veio como forma de catequisar, aos poucos foi se difundindo e misturando com as músicas dos indígenas aqui encontrados, dando a importância do recôncavo na formação das bandas filarmônicas, também destacamos e fazemos um breve resumo sobre Tranquillino Bastos, que desempenhou um importante papel na criação e instrução das bandas, ao fim deste capítulo abordamos a Sociedade Filarmônica União Sanfelixta, respondendo as questões como: seu funcionamento,

sua estrutura, eventos que participava, o perfil do grupo musical. Tudo isso com base em análise aos documentos de livros de atas, recorte do jornal impresso, fontes orais, estatuto da instituição. Enfim, nas considerações finais trago os pontos positivos e negativos ao longo dessa pesquisa, destacando os resultados obtidos e o papel que desempenha a Filarmônica União Sanfelixta na sociedade de São Félix, a relação que a ditadura teve com as filarmônicas, em especial a União, as contribuições que as fontes tiveram para a realização deste trabalho e a forma que alcancei os resultados desta pesquisa que contribui para o reconhecimento da história da União Sanfelixta.

CAPÍTULO I

A CIDADE E AS POLÍTICAS CULTURAIS

1.1 A Cidade Presépio

As terras, inicialmente eram ocupadas por comunidades indígenas dos Tupinambás, foram exploradas por Mem de Sá, a partir de 1621, sendo chamada de “Sítio do Aporá”. Mas foram muito difíceis as primeiras tentativas de colonização. Os jesuítas quando chegaram à região do recôncavo no ano de 1624, além do papel de catequização dos indígenas, eles realizaram outros feitos como a fundação de um Colégio, um Convento e uma Santa Casa de Misericórdia que atendiam aos doentes e neste mesmo ano a Bahia tinha sido ocupada por holandeses, que realizaram diversos saques e São Félix não escapou desta ação.

O Recôncavo teve um papel importante na economia, pois foi uma região que produziu muito fumo e conseqüentemente açúcar. Para ter uma noção da importância do fumo, segundo João José Reis (1988,p.63), parte da produção de fumo era utilizado como de troca por escravos, principalmente no Golfo de Benin, que era de onde vinha à maioria dos africanos para a Bahia.

A produção cresceu e a economia no recôncavo logo em seguinte, segundo Costa (2016, p.26), “o volume de exportação do fumo aumentou na metade do século XVIII, porém, a economia da região prosperou ainda mais com o aquecimento do tráfico de escravos em função da expansão do comércio açucareiro, que ressurgia naquele momento”. Esse crescimento econômico do fumo iria ainda prosperar no início do século XIX.

A população Sanfelixta, juntamente com a de Cachoeira teve um importante papel no processo de Independência da Bahia em 1822. São Felix, como as demais cidades no Vale do Paraguaçu, fazia parte da freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira. Somente se desvinculou de Cachoeira no ano de 1830, sob Lei Provincial, fazendo então parte da freguesia de Nossa Senhora do Desterro de Outeiro Redondo.

Com a abdicação de D. Pedro I ao trono, a primeira revolução federalista foi iniciada em 17 de fevereiro de 1832, em São Félix, por Bernardo Guanaes Mineiro³, onde se reuniram na praça do progresso, que atualmente é Inácio Tosta e partiram para o Convento do Carmo em Cachoeira, proclamando a Federação da Província da Bahia.

Devido ao seu crescimento populacional, econômico e estrutural com casas grande de sobrados, passando a abrigar grandes depósitos e armazéns de fumo para o ciclo de

³ Nascido em Rio de Contas, era comerciante, vereador e Juiz de Paz, liderou o movimento federalista.

exportação de charutos que se iniciava com a fábrica Costa Pena (1851), com isso no ano de 1857 esta vila, tornou-se a Vila de Senhor Deus Menino e São Félix.

Ao passar dos anos, alemães como Von Martius e Von Spix se encantaram com as cidades de Cachoeira e São Felix (ainda vila), onde relataram o quão era produtiva a região, o quanto exportava mercadorias para Europa devido à facilidade do comércio marítimo. Desta forma, esse comércio despertou a atenção de outros alemães como Gerhard Dannemann e anos depois August Wilhelm Suerdieck, na qual implantaram suas empresas e devido ao Rio Paraguaçu gerou a circulação de mercadorias e viabilizou o trânsito para as regiões de exploração das lavras de diamantes e da lavoura de algodão do sudoeste da província. Segundo Ramos (2011, p.40).

“A produção do fumo na região passara então da fase artesanal para a industrial. Durante várias décadas, fabricas como a Costa Pena, Dannemann, Suerdieck e Leite & Alves foram à base da economia do Recôncavo, com plantações e armazéns espalhados por Cachoeira, São Félix, Muritiba, Maragogipe, Cruz das Almas e São Gonçalo dos Campos, cidades que cresceram as sombras dessas indústrias.”

Com o comércio em crescimento, através do rio Paraguaçu chegavam embarcações vindas da Europa no porto de São Félix, esses navios reembarcavam levando produtos como fumo, cana-de-açúcar, que foram a maior parte de renda do recôncavo. Existiam outros produtos como madeira, trigo, algodão e café que não só abasteciam a metrópole, mas também eram levados para o interior, cidades do sertão.

Devido a esse grande comércio existente na região, onde o transporte marítimo era o responsável pelo progresso, no ano de 1885 foi inaugurada a Ponte Dom Pedro II, facilitando a circulação dos produtos, através da via férrea. De acordo com Ramos (2011, p. 40).

“Com sua estrutura metálica pré-montada adquirida na Inglaterra, ela unia duas ferrovias, potencializando a ligação entre os ramais ferroviários que desbravavam a região sudoeste da Bahia, até Minas Gerais. Conectada a ligação pelo Rio Paraguaçu, a ferrovia formava um sistema intermodal de transporte que chegava até a capital, ligando o sertão ao litoral.”

No ano de 1889, muitos moradores almejam perder o vínculo com a cidade de Cachoeira, por intermédio do industrial Gerhard Dannemann, a população o solicitou para que este requeresse ao governador do estado, Manoel Vitorino. Com isso, no ano de 1890, Dannemann tornou-se o primeiro intendente da vila, que neste mesmo ano passou a ser denominada de São Félix do Paraguaçu.⁴

⁴ Félix, C. M. (2012). Dados históricos de São Félix. Acessando em 17/02/2018, disponível em Câmara de São Félix: <http://www.camarasaofelix.ba.gov.br>.

O comércio no município de São Félix na primeira metade do século XX, ainda era promissor, tinha as fabricas de charutos em atividade. Mas na segunda metade do século na década de 70 o comercio começou seu processo de declínio, em virtude dos preços de mercado internacional e de suas mercadorias exportadas, a falência das fábricas de charutos, e o aumentando a concorrência no mercado da região do Brasil e de outros países. Salientando que nesse período o país vivia a ditadura militar.⁵

Outro fator que considero relevante nesse processo do declínio do comercio, é a construção das BR (rodovias federais), na mesma medida em que possibilitou o surgimento de novas cidades ampliando esses novos mercados. Com isso, a década de 80, a economia do município estava baseada na produção de atividades do setor primário, laranja, mandioca, inhame e artesanatos.

A cultura no município de São Félix é abundante, havendo as festas religiosas, festas populares como a lavagem do beco do fuxico, além das manifestações culturais como a dança, teatro de rua, a música de variadas formas, além da Filarmônica União Sanfelixta. Mesmo contendo expressivas atividades culturais no município, o apoio ainda é precário, mesmo constando no Art. 100 da Lei Orgânica do Município o suporte para incentivo e suporte das manifestações culturais,

O Município apoiará e incentivará a valorização, a produção e a difusão das manifestações culturais, prioritariamente, as diretamente ligadas à sua história, à sua comunidade e as seus bens, através de: I - criação e manutenção e abertura de espaços culturais; II - intercâmbio cultural e artístico com outros municípios e Estados; III - acesso livre aos acervos de bibliotecas, museus e arquivos; IV - aperfeiçoamento e valorização dos profissionais da cultura;

Portanto, a União como um patrimônio cultural com toda sua história e contribuição para o município de São Félix, ainda que conste na Lei Orgânica, o apoio da prefeitura é inconstante.

1.2 Políticas Culturais e as Filarmônicas

A fim de compreendermos como as filarmônicas mantinham a sua sobrevivência, suas ações na sociedade, sua estruturação, é imprescindível analisar a estrutura política e pública naquele período da década de 60, sendo que o Brasil passou por um uma imposição política e com isso as filarmônicas tiveram que se adaptar a essas mudanças.

⁵ Ibidem Câmara Municipal de São Félix.

O Brasil desde a década de 40 pós a Segunda Guerra Mundial, começa a receber a influência internacional, na qual sua política brasileira vai basear-se na industrialização por intermédio do Estado, como afirma Maciel (2006, p.3),

“O populismo brasileiro dos anos 50 e 60, legado da era Vargas, passeiam entre a democracia da Constituição de 1946 e a prática política centralizadora e autoritária; entre uma gestão econômica nacionalista e estatizante e o desenvolvimento industrial baseado no estímulo ao capital nacional e estrangeiro.”

Entretanto, durante o ano de 1945 e 1964, no Brasil, houve pouco desenvolvimento no campo cultural, por parte do Estado, sendo responsável a iniciativa privada, como afirma Calabre (2005, p. 3).

“Entre 1945 e 1964, o grande desenvolvimento na área cultural se deu no campo da iniciativa privada. O Estado não promoveu, nesse período, ações diretas de grande vulto no campo da cultura. Em 1953, o Ministério da Educação e Saúde foi desmembrado, surgindo os Ministérios da Saúde (MS) e o da Educação e Cultura (MEC). Este é o momento do crescimento e da consolidação dos meios de comunicação de massa o rádio e a televisão.”

Então, nesse momento no Brasil com a crescente desses meios de comunicação, gera novos segmentos artísticos e culturais que se serviriam dessas novas linguagens, como: o Cinema Novo e a Bossa Nova, com isso vão estabelecendo uma indústria cultural brasileira, que acabariam sendo reprimidas e desmanteladas durante o Regime Militar em 1964, através do Ato Institucional 5, que viria controlar a cultura de acordo com as exigências do governo.

De acordo com Ortiz (2006: 89),

“durante o período de 1964-1980, a censura não se define tanto pelo veto a todo e qualquer produto cultural, mas age primeiro como repressão seletiva que impossibilita a emergência de determinados tipos de pensamento ou de obras artísticas.”

Com isso as filarmônicas, mesmo sendo um movimento cultural, não são atingidas por seguir uma linha de comportamento semelhante ao militarismo, não se opondo. Importante ressaltar que, no fim da década de 60 o período em que houve maior força de repressão pelos atos institucionais, pelos decretos, censurando jornais, revistas, livros, músicas, etc. devido a essa grande repressão do governo, vários artistas acabaram deixando o país.

Com mencionado anteriormente a implantação do regime militar imprimiu uma forte repressão, que segundo Rubim (2012: 35),

“A ditadura reafirmou a triste tradição do vínculo entre políticas culturais e autoritarismo. Os militares reprimiram, censuraram, perseguiram, prenderam, assassinaram, exilaram intelectuais, artistas, cientistas e criadores populares, mas, ao mesmo tempo, constituiu uma agenda de “realizações” nada desprezível para a (re) configuração da cultura no Brasil,

através da instalação da infraestrutura de telecomunicações; a criação de empresas e a implantação de uma lógica de indústria cultural são realizações dos governos militares, que controlam rigidamente os meios audiovisuais e buscam integrar simbolicamente o país, de acordo com a política de “segurança nacional”.”

As políticas culturais na Bahia começaram a surgir depois do fim do Estado Novo, com a constituinte de 1946, quando o país tentou viver a democracia. Na Bahia quem acabou assumindo o governo do estado foi Otávio Mangabeira (UDN⁶), e nomeado o secretário de educação Anísio Teixeira, que segundo Maciel (2006: 7),

“extrema necessidade salientar o quão importante foi para a cultura baiana o governo Otávio Mangabeira, pois foi nesta administração que a Bahia teve sua primeira política de apoio à cultura. E Anísio Teixeira ficou incumbido de criar, um Departamento de Cultura na Secretaria de Educação para implementá-la.”

Com o apoio da Secretaria de Cultura do Estado, segundo (Barbosa apud Lima, 2011, p.3), houve três importantes apoios no campo das artes, sendo a primeira,

“Exposição de Arte Contemporânea” organizada em 1947 pelo escritor carioca Marques Rebelo e com o importante trabalho de formação do público comandado Odorico Tavares, representante dos Diários Associados na Bahia; a segunda foi o convite a artistas modernistas para pintarem painéis no Centro Educacional Carneiro Ribeiro, um marco importante no projeto de educação desenvolvido por Anísio Teixeira, e por fim, a criação dos “Salões Baianos de Belas Artes”, que foram realizados a partir de 1949.”

Ao longo da ditadura existiram repressões, perseguições aos movimentos artísticos e culturais. Segundo Napolitano (2014, p.92), houve três momentos repressivos sobre a área cultural: o primeiro “ocorreu entre 1964 e 1968, objetivo principal era dissolver as conexões entre a “cultura de esquerda” e as classes populares, estratégia manifestada no fechamento do CPC e do Iseb e dos movimentos de alfabetização de base”. Nesse momento o controle era feito por meio de inquéritos policiais e processos judiciais. “O segundo momento de 1969 a 1978, tinha como objetivo central reprimir o movimento da cultura como mobilizadora do radicalismo da classe média (principalmente dos estudantes)”. Sente período foi o mais intenso das repressões, onde foi imposto o Ato Institucional 5. “O terceiro momento foi de 1979 a 1985, teve como objetivo central controlar o processo de desagregação da ordem política e moral vigentes, estabelecendo limites de conteúdo e linguagem”.

Na Bahia, a ditadura militar 1964-1985 acabou deslocando os movimentos culturais que estavam surgindo, fazendo com que estes intelectuais que se encontravam a frente e se

⁶ Partido União Democrática Nacional, fundado em 7 de abril de 1945, sendo opositor ao governo Vargas.

dedicando a cultura no estado migrassem para outras regiões do país, como Gilberto Gil e Caetano Veloso, símbolos do movimento tropicalista que defendia uma identidade cultural e contra a forma de governo implantada.

Com a migração por parte dos artistas da Bahia para outros estados, especificamente Rio de Janeiro e São Paulo, as repressões continuavam acontecendo aos poucos movimentos culturais no estado, contudo de acordo a Sara Uchôa⁷, havia algumas exceções do “foco da resistência como pelo Teatro Vila Velha, Clube de Cinema da Bahia, Instituto Goethe de Salvador (ICBA) e pela Jornada de Cinema da Bahia, além dos movimentos negros”, na qual década de 1970 foi importante para a consolidação do discurso político e da ação social do movimento negro na Bahia, que buscou seu espaço na cultura baiana, mesmo em meio às repressões.

Devido à forte repressão que foi intensa no final da década de 60, foi criado um Conselho Federal de Cultura, mas este não conseguiu pôr em pratica nenhum projeto. Somente um projeto veio a pratica no governo do presidente Médici (1969-1974), durante a gestão do Ministro da Educação Jarbas Passarinho (1969-1973), foi elaborado o Plano de Ação Cultural PAC, apresentado pela imprensa da época como um projeto de financiamento de eventos culturais.⁸

A partir desse momento em que começa a ocorrer à evasão dos artistas surge um departamento que se tornou responsável pela cultura no estado, o Departamento de Ensino Superior e de Cultura (DESC), pois nos anos 60 a cultura na Bahia estava passando por falta de entusiasmo, incentivo.

Com o pouco dinamismo que vinha ocorrendo na área da cultura, no ano de 1967 no governo de Luiz Viana Filho, ocorreu uma reforma na secretaria de cultura, acarretando na criação do Conselho Estadual de Cultura (CEC), de acordo a Lei Estadual 2464/67,

“que tem por finalidade exercer as funções consultivas e normativas, sobre as artes, ciências e letras e o patrimônio histórico e cultural, competindo-lhes: 1- propor medidas em defesa e conservação do patrimônio histórico, artístico e cultural do Estado; 2- propor medidas e modificações que visem à expansão e preservação das artes, ciências e letras; 3- opinar sobre a concessão de auxílio às instituições culturais; 4- manter intercâmbio com o Conselho Federal de Cultura e com os Conselhos Estaduais de Cultura; 5- elaborar e reformar o seu regimento a ser aprovado pelo Governador do Estado; 6- exercer outras atribuições que lhe forem conferidas em Lei.”⁹

⁷ UCHÔA, Sara. Políticas Culturais na Bahia (1964 – 1987). Salvador, UFBA.

⁸ CALABRE, Lia. Política cultural no Brasil: um breve historio. Salvador, Bahia, 2005.

⁹ Bahia. Lei nº 2.464 de 13 de Setembro de 1967. Disponível em leisestaduais.com.br/ba/lei-ordinaria-n-2464-1967, acessado em 07/11/2017.

Mesmo com a criação do Conselho Estadual de Cultura, que tinha os objetivos mencionados acima, as filarmônicas encontravam enormes dificuldades para conseguir os recursos, principalmente partindo desse pressuposto da conservação do patrimônio, na qual muitas instituições acabaram em ruínas, com seus prédios em decadência, como exemplo da União Sanfelixta, que buscou não somente o Estado para obter fundos e sim outros meios para adquirir recursos para realizar a reforma do prédio por anos. Como consta na ata da diretoria de 1971, o presidente Luiz Gonzaga Dias trouxe ao conhecimento de todos os presentes, que o prédio da União estava dependente de melhorias, inclusive na conservação do prédio por não haver verbas para tal feito.

Depois da saída de Luís Viana Filho, quem assumiu o governo foi Antônio Carlos Magalhães e em sua gestão foi criado a Fundação Cultural do Estado da Bahia (FCEBa), que tinha o objetivo de promover e incentivar a cultura no Estado, de forma que a própria comunidade se inserisse nesse processo.

Durante esses 21 anos da ditadura foram criados, renomeados, vários órgãos com o objetivo de certa forma, controlar a cultura no Brasil, entre eles temos: Embrafilme, Transformação da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em Instituto (IPHAN), Reforma administrativa do Ministério de Educação e Cultura (MEC), cria-se o Departamento de Assuntos Culturais (DAC), Programa de Ação Cultural (PAC), Criação da Fundação Nacional de Arte (Funarte), Criação da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), Transformação da SEAC em Secretaria da Cultura e pôr fim a criação do Ministério da Cultura, que ao longo dos anos estava integrado ao MEC e somente desmembrado em 1985.

E segundo Uchôa (2006: 10), as instituições que se tornaram responsáveis pela cultura no estado foram Conselho Estadual de Cultura, o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural e a Fundação Cultural do Estado. Sendo que as atribuições a cada um ficou da seguinte maneira “ao CEC, cabia formular a política cultural do estado e aprovar o Plano Estadual de Cultura; o IPAC ficou responsável pela preservação do patrimônio cultural e a FCEBa pela “dinamização e criação da cultura”.

Segundo Dantas (2015: 98), “durante o regime militar, as bandas de música acabaram sendo incluídas nas atribuições da Secretaria de desportos”. Porém como veremos no capítulo seguinte, os órgãos voltados para cultura forneceram recursos para as filarmônicas mesmo que insuficientes para sua manutenção.

Como podemos observar a partir da ditadura na Bahia a cultura estava em descenso, sendo criados departamentos para uma tentativa de ascensão dessa cultura, porém estes

tinham por objetivo uma revitalização dos patrimônios históricos em ruínas no Estado, atendendo pouco a real demanda que seria um incentivo às atividades e entidades culturais da Bahia, bom exemplo disso estava às filarmônicas que pouco conseguia recursos para manter suas estruturas, como a União Sanfelixta nos seus registros de atas analisados é visível o descaso.

No fim da década de 90 as bandas de músicas contavam com o apoio da Casa das Filarmônicas, segundo Blanco (2006), “tinha o papel de fomentar as atividades socioculturais destas instituições”, realização de oficinas de luthier, “buscavam parcerias com setores privado e estadual, com a finalidade de contribuir para o funcionamento das atividades culturais das bandas”. Atualmente as bandas filarmônicas em sua grande maioria são vinculadas a Federação das Bandas Filarmônicas da Bahia (FEBAF), sendo fundada no ano de 2013, tendo como objetivo de representar as bandas filarmônicas da Bahia e, por meio dessa representatividade, buscar nas diferentes esferas federal, estadual e municipais recursos para melhorar a gestão e atender às demandas de cada banda do Estado. Onde, segundo informações da FEBAF, existem mais de 180 filarmônicas ativas na Bahia, sendo que pode aumentar a cada levantamento a ser realizado.

CAPÍTULO II

A MÚSICA COMO INSTRUMENTO EDUCADOR

2.1 A música no Brasil

A chegada da música no Brasil teve um cunho importante, pois ela serviu como um instrumento educador, vinda da Europa ela foi utilizada como uma ferramenta de catequização pelos jesuítas.

Em 1549, na comitiva do primeiro governador-geral do Brasil, Thomé de Souza, vieram os primeiros padres da Companhia de Jesus, chefiados por Manuel de Nóbrega. Entre eles estava João de Azpicuelta Navarro¹⁰, que ao pregar entre os índios, usou o ‘canto de órgão’ (música polifônica), que logo despertou o interesse dos tupinambás e facilitou o trabalho de catequese.¹¹

Nesse processo do emprego da música praticada pelos portugueses, fez com que a partir disso fosse incorporada a utilização de instrumentos como as flautas de madeiras, pois ela se misturou com as cantigas dos índios.

“A crônica sobre os primeiros anos de contato dos portugueses com os brasileiros nativos, principalmente após o início da Catequese, aponta a formação de bandas de música, inicialmente incorporando o próprio instrumental de flautas e percussão dos indígenas. A música, incluindo a música nativa aprendida pelo padre jesuíta, nesse caso estava a serviço da conversão e aculturação.” (Dantas, 2015)¹²

Em 1551, dois anos depois da fundação da cidade de Salvador foi criada a Diocese de São Salvador da Bahia, pelo papa Júlio III, onde nomeou Dom Pero Fernandes Sardinha, primeiro bispo das Américas, que ao tomar posse trouxe consigo em sua comitiva Antônio Rodrigues (1516-1568), que foi o primeiro mestre de capela do Brasil, e era responsável por ensinar música nos Colégios Jesuítas. “Os mestres de capela eram responsáveis pelo ensino dessa arte e também pela garantia da música para acompanhar as atividades religiosas da própria Igreja”. (RAMOS, 2011)¹³

De acordo com Perrone (1997), como educador musical, no sentido de transmissão de música europeia para os curumins e de educação pela música, o padre Antônio Rodrigues (Lisboa, 1516 - Rio de Janeiro, 1568) deve ser lembrado como patrono dos educadores musicais no Brasil. Veio para a Bahia, desde 1556, fundando diversos aldeamentos nas

¹⁰ Nasceu no País Basco, na Espanha e morreu em 30 de abril de 1557, na Bahia.

¹¹ RAMOS, Jorge. O semeador de orquestras: história de um maestro abolicionista. Salvador, Bahia: Solisluna, 2011.

¹² DANTAS, Frederico. Composição para banda filarmônica: atitudes inovadoras. Salvador, 2015. p. 26.

¹³ RAMOS. O semeador de orquestras. p.42.

vizinhanças de Salvador. Por esse tempo, os tupinambás treinados nas escolas de cantar, ler e contar já vinha dos aldeamentos para fazer música polifônica no Colégio de Salvador, sendo capazes de ler partitura e de tocar instrumentos diversos, além de cantar em solo ou em conjunto, misturando música vocal com instrumental, no que tudo indica semelhante à maneira renascentista europeia.¹⁴

Quando o padre Antônio Rodrigues foi transferido para o Rio de Janeiro, o bispo Dom Pero Fernandes solicitou ao rei de Portugal, dom João III, a contratação de um novo mestre, sendo nomeado Francisco de Vaccas, que veio à Bahia por conta própria e se ofereceu mediante o pagamento para ensinar, cantar e ser mestre de capela da Catedral da Sé; Depois dele houve vários sucessores, como o padre João de Lima, quase no final do século 17, seguindo Frei Euzébio de Mattos (1629-1692), até que anos depois o ensino da arte musical chegou à Cachoeira em 1801, através do padre Henrique José de Fonseca (1754-1844). Ele implantou na vila, em 1818, a devoção a Nossa Senhora da Ajuda, iniciada no Brasil por Thomé de Souza, que trouxe a imagem em uma das caravelas de sua comitiva, quando veio fundar Salvador. Sendo que a capela onde o padre Henrique iniciou a devoção a Nossa Senhora das Ajuda, havia sido dedicada anteriormente ao culto a Nossa Senhora do Rosário, mas com o tempo se tornou pequena para abrigar a grande crescente populacional e quando chovia era difícil o acesso para os idosos, com isso em 1740, começou a ser construída uma nova igreja ampla, que se tornaria a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário¹⁵.

Com isso, em 1801 o padre Henrique José de Fonseca ficou responsável por administrar a capela, juntamente com auxílio de senhores de engenho do Iguape e outros colaboradores iniciaram o processo de restauração e o espaço passou a ser utilizado pela corporação de músicos pertencentes à elite social Cachoeirana, adeptos da devoção a Nossa Senhora da Ajuda. Com o seu falecimento, seu sobrinho, padre Manoel Nascimento de Jesus, assumiu a administração do templo e incorporou à capela, centro de reunião da elite Cachoeirana da época, dois grupos de músicos para embelezar os atos religiosos e fúnebres.¹⁶

Sendo assim formaram-se a Orquestra de Nossa Senhora da Ajuda e a Banda Marcial São Benedito, ambas ligadas às irmandades, sendo a primeira ligada à irmandade de Nossa Senhora da Ajuda que era vinculado aos senhores de engenho e a segunda ligada a Irmandade de São Benedito, atrelada para os crioulos livres. Com isso, gerou uma disputa de espaço na

¹⁴ PERRONE, Maria. Apud Manuel Quirino In: *Artistas Bahianos: Indicações Biográficas*, 2ª ed.

¹⁵ RAMOS, Jorge. *O sementeiro de Orquestras: história de um maestro abolicionista*. Salvador: Solisluna Editora, 2011, p.43.

¹⁶ NASCIMENTO, Luiz Cláudio Dias do. *A Capela D'Ajuda já deu o sinal: relações de poder e religiosidade em Cachoeira*. Cachoeira: CEAO, 1995, p.21.

capela e a Irmandade da Ajuda detinha o privilégio de ocupar o interior do templo, a Irmandade de São Benedito instalou-se em uma área externa a capela, onde foi colocada a imagem de São Benedito.¹⁷

Como podemos notar, a música Europeia chegou ao Brasil através dos portugueses, com o passar dos séculos foi se disseminando e evoluindo devido ao saber de mestres como Antônio Rodrigues (1516-1568), Euzébio de Mattos (1629-1692), Henrique José de Fonseca (1754-1844), Manoel Tranquilino Bastos (1850-1935) que nasceu na cidade de Cachoeira e tornou-se o responsável por fundar diversas filarmônicas na Bahia, como veremos ao decorrer do capítulo. Porém a formação das bandas filarmônicas surgiu a partir da chegada da Família Real, que com ela veio a Banda da Brigada Real, que influenciaria na formação do modelo que seria utilizado pelas filarmônicas.

Além da influência da Banda da Brigada Real, as filarmônicas aderiram características oriundas das bandas de barbeiros no Brasil colonial.

“A música de barbeiros foi um outro tipo de manifestação musical ocorrida nesse mesmo período no Brasil e, em particular, na Bahia e rio de Janeiro. Através de relatos históricos é possível constatar a existência de grupos musicais chamados de choromeiros e barbeiros que contribuíram enormemente para a formação do que hoje chamamos de Banda de Música e Filarmônica.” (Santos Filho, 2003, p.22)

Enfim, como já sinalizamos as filarmônicas são sociedades civis que surgiram no Brasil, durante o século XIX, com o objetivo de manter a banda de música. Com a falta da banda da fazenda, após a abolição da escravatura, alguns fazendeiros, junto com alguns comerciantes e pessoas da comunidade, formaram sociedades civis, usando a nomenclatura de filarmônica, euterpe, lira, clube recreativo e musical, corporação ou grêmio beneficente, operarias ou conspiradoras.¹⁸

2.2 Filarmônicas no Recôncavo

O Brasil, no século XIX, foi marcado por várias manifestações musical, diz Alves (2003, p.18), como a chegada aos Salões Imperiais de danças em voga na Europa, como a Polca¹⁹, a Mazurca²⁰, o Schottisch²¹, a Quadrilha.

¹⁷ RAMOS, Jorge. O sementeiro de Orquestras: história de um maestro abolicionista. Salvador: Solisluna Editora, 2011, p.60.

¹⁸ CAJAZEIRA, Regina. *Educação continuada à distância para músicos da filarmônica Minerva: gestão e curso* Batuta. 2004. Tese (doutorado em Música) – Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004, p.32.

¹⁹ “Dança de salão em compasso binário, geralmente em tom maior e andamento alegreto, originária da Boêmia (parte do império austro-húngaro, depois Tchecoslováquia e atualmente República Theca)”. Disponível em priberam.pt/, acessado em 05/03/2018.

²⁰ “Dança ou música polonesa, a três tempos”. Disponível em priberam.pt/, acessado em 05/03/2018.

Como destacado, o Brasil desde a implantação da música no território pelos portugueses, ao decorrer dos anos foi cada vez mais recebendo influência de estilos, gêneros musicais como o choro, jazz, até mesmo do dobrado que foram se incorporando com as tradições das bandas de música e filarmônicas, que assim foi adaptando seus estilos melódicos.

De acordo com Dantas (2015: 99), o Recôncavo foi uma região onde a música encontrou seu maior desenvolvimento. O fator para explicar isso, “deve-se a proximidade física entre as cidades do recôncavo, essa distância se alarga cada vez mais à medida que adentramos para longe do litoral, enquanto aqui se encontra cidades divididas por um rio”, que é o caso de São Félix que tem a União Sanfelixta e Cachoeira com a Minerva e Lyra Ceciliana, ambas possuem filarmônicas centenárias. Ele ainda afirma o que determinou a importância das bandas filarmônicas no Recôncavo:

“As mais antigas instalações ligadas ao comércio, à administração e à vida religiosa determinaram que a vida musical do Recôncavo encontrasse especial desenvolvimento, incluídas aí as bandas filarmônicas, entre as mais antigas da Bahia, mantidas por sociedades civis fortalecidas e mais ou menos independentes do poder político. A escrita musical acompanha essa solidez, gerando obras de concerto destinadas a bandas completas com instrumental de ótima qualidade, importado da Inglaterra ou da França.” (Dantas, 2015, p.99)

Segundo Binder (2006), as bandas militares exerceram grande influência na formação das bandas civis, “atuaram como fatores simbólicos e instrumentais para a difusão da banda de música, entendida como uma combinação peculiar de instrumentos de sopro e percussão”, além dos uniformes e repertórios. Porém diferente da militar a banda civil possui registro em cartórios, sede própria, estatutos, diretoria, onde essas bandas civis adquiriram uma enorme importância para os municípios do interior brasileiro, possuindo sua própria estrutura física e normas.

As primeiras filarmônicas na Bahia foram sendo formadas, a partir, da década de 60 do século XIX, sendo a primeira fundada na cidade de Nazaré, a Erato Nazareno (1863); A 25 de Março (1868), em Feira de Santana; Sociedade Cultural Orpheica Lyra Ceciliana (1870), em Cachoeira; Vitoria (1873), em Feira de Santana; 2 de Janeiro (1878), em Jacobina;

²¹“Antiga dança de salão aos pares, que se movimentam sincronicamente, geralmente em compasso binário. Aproxima-se da polca”. Disponível em priberam.pt/, acessado em 05/03/2018.

Sociedade Lítero Musical Minerva Cachoeirana (1878), em Cachoeira; Filarmônica Terpsícore Popular (1880) e a 2 de julho (1887) ambas em Maragogipe, dentre outras.²²

Através das instituições mencionadas anteriormente, é nítido a forte presença das filarmônicas no recôncavo baiano. Tudo isso graças à influência de professores de música que estiverem presente em Cachoeira, formados pelo mestre de capela Henrique José de Fonseca, que como mencionado no subtema anterior, “foi o responsável por ensinar a arte musical na cidade de Cachoeira em 1801, onde formaram posteriormente futuros professores de música como André Diogo Vaz Mutum, Manoel Dantas e José Pereira de Castro, José Pinto D’Oliveira Santos (1803-1888)”, que viriam mais tarde a formar outras gerações de músicos na vila, na qual entre eles surgiria Manoel Tranquilino Bastos, conforme RAMOS (2011).

Dentre os diversos mestres que viveram na Bahia, muitos contribuíram para o fortalecimento das bandas filarmônicas, conforme Santos Filho (2003: 26),

“Outros destacados Mestres de Banda e compositores que viveram na Bahia na época de Manoel Tranquilino de Bastos serão aqui também referidos: Lourenço José de Aragão (1815-1887), João Manoel Dantas (Cachoeira, 1815-1874), Miguel dos Anjos de Sant’Anna Torres (Salvador, 1837-1902), José de Souza Aragão (Cachoeira, 1819-1904), Francisco José da Costa (Cachoeira, 1830-1908), Eduardo Mendes Franco (Cachoeira, 1852-?), Heráclio Paraguassu Guerreiro (Maragogipe, 1877-1950), [...], Anthenor Bastos (Cachoeira, 1889-?), [...], Armino Oliveira (Nazaré), Amando Nobre (Maragogipe, 1903-1970), [...], João Antônio Wanderley (Salvador), Estevam Moura (Santo Estevão, 1907-1951), [...], Osório de Oliveira (Santo Amaro), Santa Isabel, João Mariano Sobral, Tertuliano Santos (Feira de Santana), Waldemar da Paixão (Salvador), Irineu Sacramento (Cachoeira), Carlos Teixeira (Nazaré), Candido Alves de Almeida (Castro Alves).”

Todos estes mestres dentre outros, foram de suma importância para a arte musical na Bahia, que de alguma forma, se não por seus ensinamentos, mas pelas suas composições, onde muitas permanecem vivas até os dias atuais, na qual será passada de uma geração a outra. Destaco aqui peças musicais como “O Grito dos Pretos” de Amando Nobre, com a qual a União veio a ser campeã do Festival de Filarmônicas do Recôncavo (Festfir) em 1999, Estevam Moura dobrado como o Magnata, Presidente João Almeida, Allah, Heráclio Guerreiro composições como: o rebate, Ronaldo Souza, cap. Juracy Magalhães, o registrado, Oscar guerreiro entre outras composições que são bastante executadas pelas bandas filarmônicas.

²² Cazaes, Melira Elen Mascarenhas. No ritmo do compasso, a melodia das filarmônicas em harmonia com o tempo: um estudo sobre a Lyra Ceciliana e a Minerva Cachoeirana (1960-1980) / Melira Elen Mascarenhas Cazaes. – Feira de Santana, 2014.

2.3 Tranquilino Bastos

Considerado o grande mestre da música, Manoel Tranquilino Bastos nasceu na cidade de Cachoeira, em 8 de outubro de 1850. Segundo Jorge Ramos (2011, p.26), Tranquilino era filho de Carlota Maria da Conceição, que era uma negra alforriada e Antônio de Souza Durão, imigrante português que se instalou em Cachoeira. Após alguns anos de idade, seu pai retornou a Portugal e ele foi criado pelos padrinhos, onde esse convívio determinou sua personalidade, marcada sempre por atitudes contidas e discretas. Era clarinetista, fez parte do Coro de Santa Cecília (padroeira dos músicos) e em seguida foi integrado a Banda Marcial de São Benedito, formado por “negros livres”. Em uma das suas anotações deixou relatado como foi sua iniciação musical²³:

“Aprendi as primeiras noções de música, sem mestre efetivo. Mendiguei de uns e outros práticos, o que não me era facultado por mim só. Caindo, levantando e ferido por mil espinhos, consegui tocar clarinete, saxofone, flauta. Minhas primeiras composições se filiaram aos sons guias de harmônica (acordeom).”

Tranquilino nasceu no período em que a escravidão e a religiosidade eram presente no Brasil, fez alianças, lutou contra esse sistema, onde a música foi uma das ferramentas utilizadas, como afirma Costa (2016, p.38),

“Nada alheio aos acalorados debates em torno da abolição da escravidão, foi justamente nesse cenário marcado por práticas que remontam ao passado colonial – de integração social marcada pela intensa religiosidade católica e afro-brasileira –, mas permeado por apropriações de novos costumes, representações e discursos, e pelo crescimento da propaganda abolicionista, que o maestro Manoel Traquilino Bastos forjou sua trajetória, vivenciou incertezas, estabeleceu suas estratégias e alianças. Oportunamente, a música assumia para Bastos um lugar privilegiado para o desenvolvimento de seus anseios. Portanto, por meio da música e, especialmente, da filarmônica Euterpe Ceciliana, fundada por ele, o maestro apostou na visibilidade de seus projetos, engajou-se na campanha abolicionista e conquistou espaços no debate público de sua cidade.” (Costa, 2016)

Foi um importante nome no cenário musical e bem influente. De acordo com Dantas (2015, p. 99):

“Manoel Tranquilino Basto foi o principal compositor das filarmônicas da Bahia no final do século XIX. Fundador de filarmônicas, exímio compositor, adaptador de peças alemãs e francesas, Tranquilino é exemplo para todos os mestres em relação à sociedade de seu tempo, ativo defensor da libertação dos escravos, de línguas e religião negras, vegetariano, homeopata e espírita. Era também escritor e poeta. Soube estar à frente do seu tempo e ao mesmo tempo presente em todos os fatos ao redor. Suas composições foram

²³ RAMOS, Jorge. O semeador de orquestras: história de um maestro abolicionista. Salvador, Bahia: Solisluna, 2011.

premiadas na Europa, onde nunca pisou o pé, ganhando batutas de ouro e prata. Sua escrita caracteriza-se no uso de cromatismos e polifonia onde poucos instrumentos tinham vozes iguais.”

Tranquilino Bastos, como mencionado foi um grande compositor, na qual compôs grande marchas fúnebres, marchas festivas, diversos dobrados, valsas, polacas, polcas, fantasias, hinos, fragmentos de operas transcrito para filarmônicas. Dentre os hinos que ele fez está o da cidade de Cachoeira, onde ele fez à composição e seu amigo Sabino de Campos (1893-?) a letra, sendo que esse feito foi logo repercutido nos jornais da cidade.

Além do mais foi um ser importante na formação na arte musical do recôncavo, responsável por criar e organizar diversas filarmônicas na Bahia. O próprio deixou isso registrado em suas anotações, destacado pelo pesquisador Jorge Ramos (2011:29).

“Após anos de vida, considerações sociais e locais me levaram à organização da banda musical que ora apresenta o grau social de minha terra, sob o nome de Lyra Ceciliana. **Em São Félix, organizei a Filarmonica Comercial e a Harpa Sanfelixta** (grifo nosso). Em Feira de Santana, a banda da Sociedade Victoria. Em São Gonçalo dos Campos, a Lyra Sançonçalense.”

Como podemos ver, foi um grande intelectual, figura importante que deixou um vasto acervo de músicas que continua sendo referência nas bandas filarmônicas atualmente. A sua influência em São Félix não se tornou em vão. Participou da formação da Filarmônica Harpa Sanfelixta (1902), que ao decorrer dos anos fechou. E a partir da união dos músicos que vieram da Harpa reuniram-se e realizaram a formação dessa nova instituição criando a Sociedade Filarmônica Sanfelixta (1916), onde com isso os ensinamentos de Tranquilino perpetuaram e auxiliaram nesse processo de formação de outros novos músicos, sendo a única no município, diferente das demais cidades vizinhas que contam com mais de uma, tornando-se tão querida por todos sanfelixtas. Através destas informações, podemos perceber o quanto a música, as bandas filarmônicas tiveram uma referência importante e que mesmo anos depois desse período em que o Brasil passava pela colonização, muitos ensinamentos permanecem vivos como as suas próprias composições, que não se apagaram ao longo da história.

2.4 Sociedade Filarmônica União Sanfelixta

A União Sanfelixta, como é chamada, foi fundada em 7 de setembro de 1916, por Amâncio Francisco dos Santos (que logo mais se tornaria o regente), João Mauricio do Nascimento, Carlos de Marcos, Hermilino Ferreira da Silva, Aristides Bruno de Magalhães, João Amaral, Plínio Carlos de Santana, Urbano Soares de Araújo, Artur J. Barbosa, Roberto

Soares e Tarcilo Brito, sendo estes antigos músicos da Filarmônica Harpa Sanfelixta, que com o seu fechamento se reuniram e fundaram essa nova instituição, que tiveram como professor de música Manoel Tranquilino Bastos. Porém, a instituição foi apenas inaugurada no ano de 1917, causando grande alegria para os amantes da música.



Figura 1: Sede da Filarmônica.
Arquivo pessoal da instituição (2017)

A instituição foi criada a partir de uma corporação anterior, a Harpa Sanfelista. Esta sendo fundada no ano de 1902, por José Ramos de Almeida, tendo como primeiro regente Remígio Domenechi e, logo depois pelo maestro Tranquilino Bastos, que nos seus próprios relatos mencionados anteriormente ajudou na organização.²⁴

Surgiu em um período de grande avanço econômico do Recôncavo da Bahia, onde a manufatura do fumo está numa crescente, competindo com os charutos cubanos no mercado, além da vasta riqueza histórico-cultural. Como notado em seu estatuto, teve por principal objetivo

no começo da fundação, cultivar e desenvolver a arte litero-musical na comunidade Sanfelixta, sendo assim até os dias atuais.

A instituição desde sua fundação possui seu próprio prédio no mesmo espaço, passando por reformas ao longo dos anos através dos investimentos e ajudas recebidas pelos sócios, admiradores, apresentações cívicas e religiosas no município e cidades vizinhas, até chegar à estrutura dos dias atuais. Como toda organização, de acordo ao seu estatuto, esta é formada por uma diretoria executivo composta por (Presidente, Vice-Presidente, 1º e 2º secretários, Tesoureiro, Orador, Fiscal de Banda e Arquivista), um Conselho Fiscal, Diretoria Financeira. Sendo essa composição presente até hoje, tendo como Presidente o Sr. Hadson de Oliveira, Vice-presidente Alan Freitas dos Santos, Maestro Adenilson Bispo, 1ª secretaria Marlene Ferreira, 2ª secretaria Elia Matos de Oliveira, tesoureira Lívia Madureira, orador o Sr. José Antônio Rodrigues Alves, fiscal de banda²⁵ Kaique Porto e arquivista²⁶ Leandro Almeida, como previsto no seu estatuto, são vedados à acumulação de qualquer cargo e quaisquer direitos a remuneração.

²⁴ ALMEIDA, Julio Ramos de. Efemerides Sanfelixtas. Um pouco da vida de minha Terra. São Félix, 1953.

²⁵ Tem a função de inspecionar os fardamentos dos músicos, organizar a banda quando vai se apresentar.

²⁶ Respo nsável por organizar o acervo de partituras, pastas com os repertórios dos concertos.

A União Sanfelixta ao longo dos anos vem mantendo seu funcionamento, manutenção dos instrumentos, fardas, gratificação dos músicos através dos seus associados, da participação nos eventos religiosos no próprio município e cidades vizinhas, sendo que as contribuições dos sócios são atualmente a partir de um valor mínimo de cinco reais, ficando assim a disposição de valores maiores de acordo a situação financeira de cada. No atual quadro de sócios da banda contém cerca de 100 associados, porém são poucos os contribuintes e encontram-se diversos profissionais, não muito diferentes dos que nos deparamos décadas passadas como: comerciantes, bancário, motorista, militares, juiz, etc. Aproveitando essa relação, destaco a participação das mulheres nesse quadro, na qual anteriormente a participação era rara. Havia apenas a Sr.^a Zilda Brito e a Sr.^a Gilnath Maria Guedes, que tinham voz ativa mesmo como secretarias, opinavam de que forma poderiam adquirir recursos para a instituição, buscando soluções para os problemas estruturais da sede. Antes era mais difícil a participação das mulheres e hoje há um número crescente a cada dia, que podemos de certo modo afirmar que as mulheres mesmo em minoria na década de 60 na banda, adquiriram seu espaço e liberdade nas ações que a diretoria apresentavam.

Essa situação da forma de manutenção das filarmônicas através da colaboração dos sócios é algo presente nas bandas do Recôncavo, como afirma Santos ao tratar da Filarmônica Lira Popular Muritibana da cidade de Muritiba (2017:39),

“Um fator importante que não podemos deixar de citar são algumas práticas comuns que ainda permanecem em algumas cidades. Primeiro é a existência de filarmônicas mantidas por sócios para servir a toda comunidade, por isso geralmente às filarmônicas tem a denominação *Sociedade*. Esse fato pode ser observado em toda a região do Recôncavo. Outro é como também as bandas são a única manifestação cultural das pequenas cidades do interior da Bahia²⁷.”

Ademario Bispo²⁸, músico da filarmônica União Sanfelixta na década de 70, relatou o seguinte sobre o funcionamento da instituição:

“Nessa época, só conseguíamos recursos financeiros através das tocatas, e só havia ajuda política quando o presidente da União era do lado do partido do prefeito, caso contrário sofríamos perseguição por ser considerado da oposição, principalmente no governo de Eduardo de Macedo²⁹, no qual José Guedes³⁰ era o presidente da União Sanfelixta, a filarmônica era difícil tocar.”

²⁷ Não a única, mas uma importante manifestação cultural.

²⁸ BISPO, Ademario. Atualmente 78 anos, aposentado. Entrevista concedida a Elson Santana. São Félix-Ba, 09/08/2017. Foi músico da União Sanfelixta, ingressou na filarmônica aos 16 anos, tocou trombone desligou-se porque tinha que trabalhar em outra cidade.

²⁹ Foi prefeito de São Félix em três mandatos, 1973-1977/ 1983-1989/ 1997-1998.

Nesse ponto podemos perceber através do relato do músico que era um processo complexo contar com o auxílio da prefeitura, pois como o próprio relatou que variava de quem estivesse na gestão da filarmônica, sendo de mesma coligação ou algum vínculo, era possível receber algum recurso, caso fosse oposição ao governo se tornava difícil adquirir recursos.

A partir do Jornal Correio de São Félix foi possível encontrar publicações referente ao modo em que a União Sanfelixta obtinha recursos ou tentava cativar a população para manter-se, como uma ocorrida no ano de 1964, na qual tem como manchete “CINE SÃO FÉLIX: Benefício da União Sanfelixta”, neste informativo a filarmônica realizou um filme policial, japonês, lançado no ano de 1959, chamado “Morte à Fera”, onde os fundos monetários seriam convertidos em prol da instituição.

Neste mesmo periódico, havia notícias todo mês de setembro no período de 1961 a 1974, referente às posses da diretoria da União Sanfelixta que eram sempre manchete nas primeiras páginas. Isso se justifica devido ao dia 07 de setembro comemorar a Independência do Brasil e aniversário da instituição, destacando a programação da instituição em que neste dia ocorria a realização de uma missa, sendo que ao final da celebração acontecia um desfile cívico pelas ruas de São Félix, contando com a participação das escolas do município, associações, políticos e o Tiro de Guerra que fica na cidade de Cachoeira. Desta tradição, a única coisa que não ocorre mais é o desfile cívico nesta data.

A Filarmônica União Sanfelixta, pelos eventos a qual participava e pela composição administrativa, nos apresenta dados para classificá-la como uma instituição de direita naquele período em que o governo militar estava no poder. A União estava presente nas atividades culturais do município, como exemplo no ano de 1964 O Jornal Correio de São Félix, no mês de maio, traz na sua primeira página a manchete: “Grandiosa manifestação de fé e civismo, marcha da Família com Deus pela Democracia”, sendo que essa passeata é conhecida pelo seu caráter conservador e na época anticomunista. Com isso justifica-se mais um porquê não ocorrer perseguições e opressões do governo militar, por não se opor ou ir de contra as normas por ele adotadas.

A União estava presente nos importantes eventos, como as inaugurações de importantes instituições para o município de São Félix e o periódico Correio de São Félix destacam essas informações datadas do ano de 1973, como a inauguração do prédio do Ginásio Estadual (atual Colégio Estadual Rômulo Galvão), tendo a presença do governador do estado Antônio Carlos Magalhães (ARENA) e comitiva, José Almeida Seixas (assessor do delegado do MEC), no mesmo ano estava presente na Inauguração do edifício do Instituto

Nacional de Previdência Social (INPS), que atualmente é Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), estando presentes autoridades locais e a filarmônica coirmã Minerva Cachoeirana. E por fim dentre as análise de apresentação em inauguração a União estava presente na inauguração da restauração do Estádio Dr. Arlindo Rodrigues, tendo presente autoridades de São Felix e Cachoeira, onde foi executado o Hino Nacional, pela filarmônica. Com isso, é nítido que os membros ligados à filarmônica estavam inseridos em diversas áreas e atividades de cultura, esporte, política.

Esse foi um de muitos informes que havia ao longo dos anos durante a década de 60 e 70 solicitando ajuda e divulgando eventos para arrecadar dinheiro para a manutenção não só da sede, como de fardamentos e instrumentos. Exemplo disso estava nos recortes nas décadas, quando em reportagens de 1969 e 1971 o Jornal Correio de São Félix notifica que a filarmônica pede contribuição de qualquer valor para renovar a sede e os instrumentos, sendo recorrentes esses pedidos ao longo dos anos. Esse tipo de solicitação ocorria devido ao pouco recurso adquirido durante os governos municipais, que como mencionado anteriormente, iria de acordo a quem estivesse na frente da presidência da União: apoiasse ou não o prefeito atual. Assim, esses eram alguns dos métodos utilizados para manter-se estruturalmente.

Em análise das atas de reuniões da diretoria constam outras maneiras em que chegavam recursos para a Filarmônica União Sanfelixta, como através do Ministério da Educação e Cultura (MEC), na qual o presidente Luiz Gonzaga Dias, ano de 1969, levou na pauta a importância dessa verba para a instituição. No decorrer do seu discurso salientou outra verba para receber como a da Conferência dos Religiosos do Brasil, que se encontrava nesta instituição desde 1966 e teria que regularizar a documentação da filarmônica para a retirada desse dinheiro. Além de destacar o auxílio destas entidades para a União, o presidente ressaltou que a Secretaria de Educação estava disposta a ajudar as Bandas do Interior, com isso iria fazer uma lista com os instrumentos que estava necessitando para encaminhar a essa secretária.

O ano de 1969 foi um dos períodos de mais intensidade da ditadura militar, pois nesse período a repressão e a censura foram constantes, sendo vários movimentos artísticos perseguidos, como artes, músicas, jornais, revistas e apesar desses fatores as bandas filarmônicas não foram afetadas de certa forma, pois pelo que o livro de ata na reunião de 07/09/1973 traz, houve interesse do Estado em incentivar e apoiar as bandas filarmônicas, forma de colaborar e incentivar esse patrimônio, “O Sr. Gonzaga Dias, comunicou que por meio de telegrama remetido pelo Sr. Raimundo do Rosário, recebimentos de verbas do

governador Antônio Carlos Magalhães para fazer fardamento e restaurar a sede”. De acordo a Constituição Federal de 1988, artigo 216:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Com isso, segundo a Constituição Federal, as filarmônicas por ser um patrimônio cultural devem receber apoio oriundo das esferas políticas, mas atualmente esse auxílio deve-se ser adquirido através de aberturas de editais, com uma série de restrições que acabam tornando difícil muitas bandas conseguirem recursos. Como observamos no capítulo anterior desde o período do regime militar, apesar de haver nas atas da União Sanfelixta recebimento de recursos através do Ministério da Educação e Cultura, esses incentivos nunca foram suficientes para manter as instituições.

A Filarmônica União Sanfelixta, além dos incentivos oriundos do Estado como destacado nas atas das reuniões da direção, não chegava resolver todos os problemas da instituição, para manterem-se financeiramente e estruturalmente como na manutenção de seu fardamento, instrumentos e até mesmo da própria sede realizavam rifas, balaios juninos, bailes, solicitavam ajudas dos cidadãos Sanfelixtas que admiravam a banda.

Na Ata do dia 24 de agosto de 1972, houve uma reunião em que o Sr. Luiz Gonzaga Dias relatou a situação financeira da filarmônica estava melhor, contendo um saldo de cerca de 3 mil cruzeiros, oriundo de uma verba federal através do Ministério de Educação e Cultura, conseguido pelo deputado Federal Fernando Magalhães (ARENA). Na mesma reunião o presidente com a palavra relatou que buscava uma forma de receber outra verba no valor de 5 mil cruzeiros, junto ao governador do Estado da Bahia, que era Antônio Carlos Magalhães (ARENA), através do Deputado Estadual Edvaldo Brandão Correia (ARENA), na qual essa liberação dependia apenas de um plano de aplicação para a reforma da sede.

Outros meios com o qual se conseguia as verbas eram principalmente nas apresentações que participava, como: nas procissões na própria cidade que tinha os festejos

religiosos ao Padroeiro da cidade São Felix de Catalice³¹, festa de Deus Menino, Festa em Louvor a Santa Bárbara, sendo que até os dias atuais essa tradição ainda permanece e nas cidades vizinhas como Cachoeira, Maragogipe, eventos cívicos, particulares.

Dentre os concertos que ocorriam, segundo Ademario Bispo na entrevista que concedeu, ele afirmou ter feito viagens de trem com a Filarmônica União Sanfelixta para cidades como Iaçú, Ilhéus, até mesmo para outros estados como Sergipe e Alagoas, na qual foi uma das experiências mais incríveis na vida musical dele. Rapidamente fazendo um paralelo com o presente, ainda é mais recorrente viagens para apresentações em outras cidades como Morro do Chapéu, Belmonte, Canavieiras, Wenceslau Guimarães, São Gonçalo, Conceição da Feira, Conde, Salvador, Iaçú, Itabaiânia (SE).

A banda em meio a essas apresentações que ocorriam em cidades da Bahia foi convidada para um evento realizado na cidade de Santo Antônio de Jesus, o Festival das Filarmônicas do Interior, que ocorreu no ano de 1975, sendo este encontro idealizado pelo prof. Josmar Assis, coordenador geral da secretaria do Bem Estar Social, com o objetivo de apoiar as filarmônicas, valorizar a tradição, maestros e instrumentista, despertar na juventude o interesse pela música. Ficando a Secretaria do Trabalho e Bem Estar Social (Setrabes) responsável por transporte, alimentação e hospedagem dos grupos participantes. Sendo premiações de 5 a 20 mil cruzeiros para os ganhadores. A filarmônica conseguiu ficar entre os cinco premiados e acabou levando parte dessa premiação, que não foi divulgado no jornal Correio de São Félix o valor.

Em pesquisas feitas ainda no periódico “O Correio de São Félix”, encontrei numa das publicações do ano de 1975 que ocorreu em outubro deste ano, sendo a manchete “Reunião de presidentes das Filarmônicas obteve êxito em Salvador”, a União foi representada pelo Cel. Eustásio dos Santos Rabelo. Este evento foi organizado pela Secretaria do Trabalho e Bem Estar Social promovido pela Coordenação de Assistência Social, onde a Secretária do órgão estadual incentivou as bandas e a cultura, garantindo apoio do Governo do Estado Roberto Santos, preservando-as filarmônicas como patrimônio cultural da Bahia, segue a manchete, figura 2, logo abaixo.

³¹ Nasceu em 1513, em Catalice (POR), era filho de humildes camponeses, tendo sido sua infância de trabalho árduo no campo. Entrou em um convento de capuchinhos, morreu com 74 anos, no dia 18 de maio de 1587 e foi canonizado no ano de 1709.

Como podemos notar mesmo o Brasil passando por um regime militar que reprimia os movimentos culturais que se opusessem ao governo, o apoio que era dado pelo governo do estado à cultura era financeiramente pouco, pois nos projetos como criação do Conselho Estadual de Cultura (1967), que tinha por objetivo incentivar à cultura no estado, porém os incentivos que chegavam, não eram suficientes para manter a estrutura

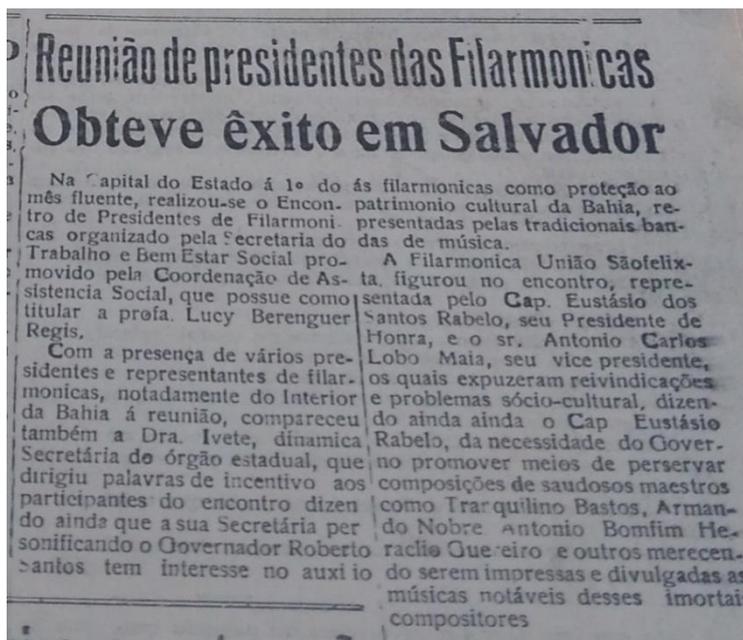


Figura 2: Recorte do Jornal Correio de São

das filarmônicas e demais movimentos e nesse encontro realizado na cidade de Salvador, a União foi representada pelo coronel Eustásio Rabelo, o que mostra que o militarismo sempre esteve presente nessas instituições, além do mais sendo considerado um patrimônio cultural pelo Estado, mesmo com isso esses recursos não chegavam com frequência.



Figura 3: União no desfile do 2 de Julho déc.60. Arquivo Público de São Félix

A figura 3 mostra a Sociedade Filarmônica União Sanfelixta fazendo participação no evento cívico do município em comemoração ao 2 de Julho, foto registrado na década de 60. Os festejos para o desfile cívico ao Dois de Julho começam no dia 24 de junho com a condução do carro da Cabocla que irá para a cidade da Cachoeira, na qual será conduzido ao som da União Sanfelixta, sendo recebido na cidade coirmã por autoridades, pela filarmônica Minerva ou Lyra Ceciliana e o carro do caboclo, onde juntos irão ser levados para a rua da feira em cortejo. No dia 25 de junho os dois caboclos participam do desfile cívico em Cachoeira, mas quando chega dia 27 deste mesmo mês os dois carros retornam a São Felix, onde aqui serão aguardados pelas autoridades locais e a filarmônica União Sanfelixta, sendo os carros alegóricos conduzidos até a Praça Dois de Julho e chegando neste respectivo dia festivo, ocorre o desfile pela cidade, sendo acompanhado pela comitiva das autoridades e pela população amante da boa música, algo que se faz presente até os dias atuais, onde sempre nas apresentações que ocorrem tanto na cidade ou fora do município, admiradores a seguem pelas ruas, principalmente nas festividades cívicas, como as que ocorrem no mês de junho na condução da cabocla para a cidade de cachoeira, como na recepção dos caboclos aqui em São Félix, uma tradição que permanece até hoje.

Em entrevista realizada com o Sr. Gilvan Côrtes³², o próprio afirmou que a filarmônica não tinha nenhuma ligação a partidarismo, visando atender a todas as camadas sociais, se mantendo com o quadro social com mensalidades, pequenas ajudas de comerciantes e do poder público, além dos contratos realizados nas apresentações principalmente nos eventos religiosos, as procissões. Logo abaixo observa-se um registro da participação na procissão do padroeiro da cidade de São Felix, década de 70.

Essas apresentações religiosas se mantêm até hoje inalteradas, pois continuam a mesma tradição, percorrendo os bairros da cidade com andores dos santos referente à festividade, contando com a participação da União Sanfelixta na procissão. A banda filarmônica sempre teve um número reduzido de músicos, principalmente nesse período da década de 70 era composta por cerca de trinta músicos, porém, esse número chegava a 20 participantes somente em tocatas importantes, nas demais apresentações esse número era reduzido. “Na época citada a nossa banda já se apresentou em eventos com 10 músicos, às vezes era preciso convocar músicos de outras bandas do recôncavo: Cachoeira, Muritiba, Maragogipe e Feira de Santana”, afirma Gilvan Côrtes.

³² Gilvan Côrtes do Rosário, 61 anos, ingressou na filarmônica em 1972, trompetista e atualmente sócio da instituição. Entrevista realizada no dia 11/09/2017.

Ao contrário do que afirmou seu Gilvan Cortes, sobre a União não ter uma ligação a partido político, fazendo um paralelo com a entrevista da Sr.^a Gilnath Maria Guedes³³, é nítido a participação do poder público partidário ligado a instituição:

O poder público sempre trabalhava junto prestigiando, ajudando através do secretário de Educação e Cultura, Dr. Edvaldo Boaventura, Deputado Galdino Leite e outros, Edgar Cravo Neto, sobrinho do então secretário, conseguiram alguns materiais de construção, carteiras, mesas e outros. Durante os 14 anos que José E. P. Guedes foi o Presidente, contamos também com a ajuda dos prefeitos da época, Fernando Ramos, Antônio Carlos Lobo Maia e Eduardo José de Macedo e alguns vereadores, principalmente Luiz Gonzaga Dias, que também fazia parte do Jornal Correio de São Félix e divulgava os trabalhos e os esforços do presidente e demais sócios colaboradores e amigos da União Sanfelixta.

Com base nas atas analisadas e na própria entrevista concedida, podemos notar que havia participação de políticos da camada estadual e federal em prol da Filarmônica União Sanfelixta, tendo uma atenção por esses poderes públicos, um dos fatores que podem explicar essa ligação está nos vínculos políticos entre o presidente do período vigente, por ser além de líder da instituição, era vereador influente, que era Luiz Gonzaga Dias, filiado ao partido da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), sendo este representante do regime militar.

A ARENA foi fundada no ano de 1966, quando o governo criou o bipartidarismo, sendo este do lado do governo e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), da oposição, porém controlado de certo modo pelo governo.

Algo que ocorria e ainda é presente são as rivalidades entre as filarmônicas, de acordo com RAMOS (2011), a primeira rivalidade no recôncavo aparece na cidade de Cachoeira, entre a Orquestra de Nossa Senhora da Ajuda (ligada aos senhores de engenho) e a Banda Marcial São Benedito (crioulos livres), que acabaram disputando espaço para tocar na capela da Ajuda, tendo além dessa disputa musical, havia contornos políticos que divergiam para além dos aspectos religiosos e artísticos, no que acarretou a expulsão da Irmandade de São Benedito que com isso, buscou abrigo na Igreja da Conceição do Monte, onde já existia o coro de Santa Cecília, que é padroeira dos músicos, fazendo com que Tranquilino Bastos utilizando esses músicos criou em 22 de novembro de 1870, a Sociedade Euterpe Ceciliana, na qual em 1891 viria a ser a Sociedade Cultural Orfeica Lyra Ceciliana e a partir da Orquestra da Ajuda formou-se a Orfesina Cachoeirana, que com o decorrer dos do tempo, em 10 de fevereiro de 1878 se tornaria a Minerva Cachoeirana, onde essa rivalidade perpetuaria até os dias atuais.

³³Gilnath Guedes, 72 anos, foi secretária da União por 14 anos, durante a gestão do marido José Guedes na presidência. Entrevista realizada no dia 19/09/2017.

Charles D’Almeida Santana³⁴ (2009) aborda essa questão dos conflitos que ocorriam em outras cidades do recôncavo, disputas que iam além da música, destaque para a cidade de Maragogipe, entre a Filarmônica 2 de Julho e a Terpsicore Popular, chegando ao ponto de forma uma divisão territorial, sendo que a Terpsícore tinha o seu refúgio no Porto Grande e na Enseada, e a 2 de Julho, no Caijá. Em meio a esse confronto havia a participação de chefes políticos que contratavam capangas para seguir e agredir músicos da Terpsícore, além de delegados de polícia para perseguir, espancar, e prender que fosse adepto a esta instituição musical. O confronto era tanto que havia de tudo como: pedradas, tiros, pauladas, garrafadas e facadas, havendo até casos de morte. Outra cidade em que ocorriam conflitos entre bandas era em Santo Amaro, que diferente de Maragogipe os conflitos eram de cunho musical entre a Filarmônica Filhos de Apolo e a Lira dos Artistas (que se formou a partir de conflitos entre músicos da Apolo),

“As competições tomavam as cidades, os embates rítmicos punham peças clássicas, valsas, frevos, maxixes e dobrados no centro de cenas cotidianas no Recôncavo. Acusações e roubos de repertório, que eram eleitos temas de muitas conversas nas residências, nos armazéns, nas estações, nas feiras, nas alfaiatarias, nas barbearias, nas oficinas das estradas de ferro” (Santana, 2009, p.279).

Além destes municípios mencionados, na cidade de Muritiba ocorriam conflitos semelhantes entre a filarmônica Lira Popular Muritibana e Cinco de Março, havendo situações de trocas de socos, pauladas. De acordo a Santos (2017: 32),

“A convivência entre as filarmônicas passam a vivenciar momentos de discórdias e confrontos musicais nos coretos, ruas e praças e até mesmo em locais privados. Duelos entre filarmônicas que, até hoje colocam em questão a maior e melhor apresentação entre a sociedade Muritibana.”

Como podemos observar anteriormente, diferente do que ocorria em cidades como Maragogipe e Santo Amaro, abordado por Charles Santana, e na cidade de Muritiba por Edilene Santos, em São Félix não ocorriam essas disputas, devido existir somente uma filarmônica, a União Sanfelixta. Todos que estavam ligados à instituição, tinham grandes influências no município como na cultura, igrejas, comércio, política, com isso mesmo que houvesse divergências e outros músicos quisessem fundar outra filarmônica seria algo difícil devido a esse fator. Por outro lado, por não haver nenhuma outra filarmônica em São Félix além da União Sanfelixta, as disputas ocorriam com a Minerva Cachoeirana, conflitos meramente musicais, onde cada uma queria apresentar o que de melhor tinham em seu

³⁴ Os conflitos relatados por Charles Santana ocorreram entre o fim do século XVIII e início do XIX.

repertório. Essa disputa permanece até os dias atuais, em quaisquer festividades que se encontrem, desde eventos religiosos, cívicos a festivais e encontros.

As batalhas entre as filarmônicas eram comuns nos coretos, além dos festivais como o que encontrei no Jornal Correio de São Félix e mencionei, ocorrendo na cidade de Santo Antônio de Jesus em 1975, com o objetivo de ajudar as filarmônicas e valorizar essa tradição. Com o decorrer dos anos esses confrontos aqui no recôncavo passaram a ser mais frequentes perante a criação do Festival de Filarmônicas do Recôncavo (Festfir), sendo instituído pelo sociólogo Pedro Archanjo desde 1990, juntamente com o maestro Fred Dantas, que de início contavam com o apoio da indústria de charutos Dannemann. De acordo Dantas (2015, p.123), “o Festival incentivou o reexame dos centenários arquivos das bandas de música do Recôncavo e suas peças de escrita cheia de nuances interpretativas”. Devido à falta de apoio, o Festfir chegou a não ocorrer nos anos 2000, sendo retomados anos depois e apoiado pela Prefeitura Municipal de São Félix e o Fundo de Cultura. Entre esses 14 Festivais de Filarmônicas realizados em São Félix, a União se consagrou campeã no ano de 1999.

Além dos festivais surgiram os Encontros de Filarmônicas, que diferente do festival era algo não competitivo. Segundo Dantas (2015, p.127),

“A organização de um encontro não competitivo surge em 1991, quando o compositor Moraes Moreira desenvolvia, associado à filarmônica do maestro Fred Dantas, diversas ações na Bahia, visando o fortalecimento das bandas de música do interior, incluindo gravações de discos, videoclipes e aparições na mídia nacional ao lado de filarmônicas.”

Dessa forma acabou sendo criando o Encontro de Filarmônicas no 2 de Julho em Salvador, onde reunia diversas bandas do interior da Bahia, inclusive a União Sanfelixta. A partir daí houve vários encontros e a União participou de alguns como nas cidades de Belmonte, Conceição do Coité, Canavieiras, Itabaianinha (SE), Morro do Chapéu e em setembro de 2016 a União realizou o primeiro encontro de filarmônicas no Instituto Dannemann, em São Félix, com o intuito de comemorar seus 100 anos de existência, unir as bandas coirmãs e ouvir música de boa qualidade. Além de promover intercâmbios de partituras entre as bandas e homenagear jovens compositores a escrever para que como prêmio sua obra seja executada por todas filarmônicas de uma só vez.

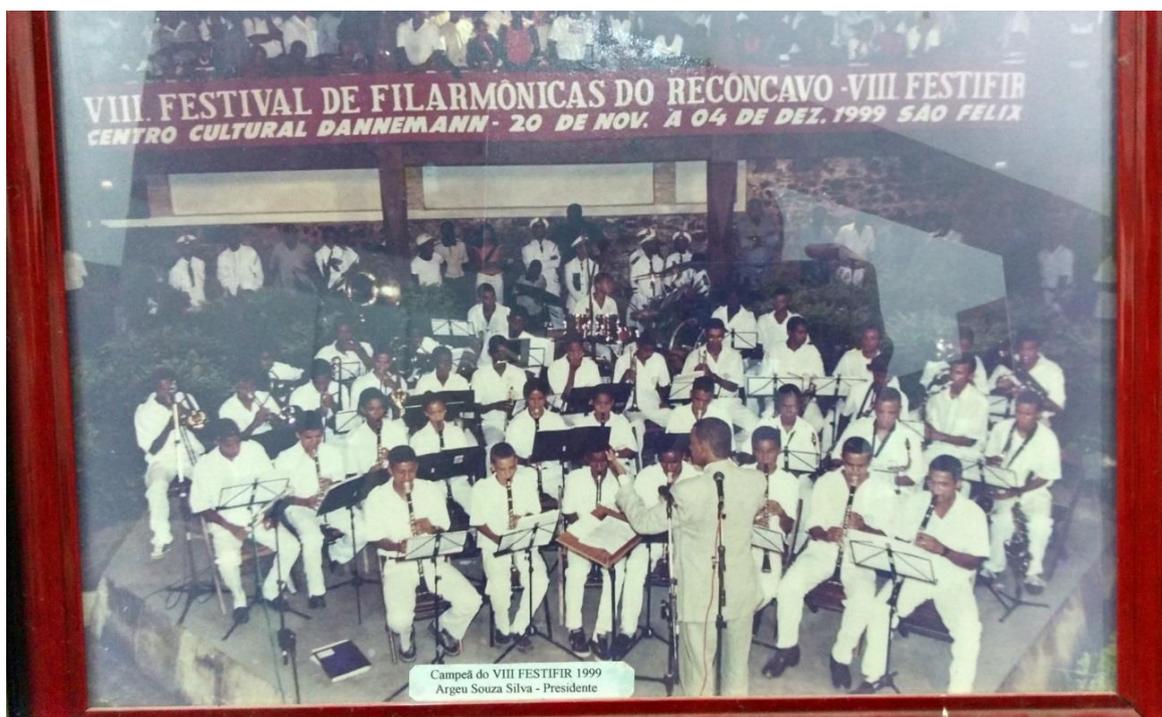


Figura 4: Festival de Filarmônicas. Arquivo pessoal da instituição

Desde o fim do século XIX, ao longo dos anos, foram construídas pela Bahia várias filarmônicas em diversos municípios, que de acordo com a Federação das Bandas Filarmônicas da Bahia (FEBAF), existem mais de 180 filarmônicas ativas na Bahia, sendo que esse número pode ser ampliado, já que este levantamento de dados pode ser atualizado. A estimativa é de cerca 14 mil pessoas³⁵, entre alunos e músicos, estejam envolvidas diretamente nas atividades. De acordo com o presidente Gilmar de Faro Teles (2017),

“A FEBAF foi fundada em agosto de 2013, com o objetivo de representar as bandas filarmônicas da Bahia e, por meio dessa representatividade, buscar nas distintas esferas: federal, estadual e municipais recursos para melhorar a gestão e atender às demandas de cada banda do Estado.”

Sendo que a FEBAF tenta desempenhar essas atividades que anteriormente eram designados a Casa das Filarmônicas. Segundo ROCHA (2005: 181), essa era a situação das filarmônicas na primeira década do ano 2000, mas quase duas décadas depois a situação das bandas não chega a ser tão preocupantes, pois contam com o apoio dos sócios e de projetos sociais realizados pela instituição.

“A situação atual das Filarmônicas no Recôncavo da Bahia é preocupante apesar de existir apoios como *A Casa das Filarmônicas*, implantada por Roberto Sant’Ana em 1999 uma sociedade civil sem fins lucrativos de direito privado ajuda a algumas Filarmônicas a se manterem graças aos seus três pilares de auxílio: 1º pilar: A reparação de Instrumentos. 2º pilar :A recuperação do banco de partituras. 3º pilar: Doação de instrumentos novos.”

³⁵ Dados da Federação das Bandas Filarmônicas da Bahia no ano de 2017, disponível em neojiba.org/noticias/filarmonicas-na-bahia/. Acessado em 02/03/2018.

A Sociedade Filarmônica União Sanfelixta, sendo oriunda da Harpa Sanfelixta, tinha um perfil bastante variado, na qual contava com diversos profissionais como: pedreiros, marceneiros, policiais militares, ferroviários, bancários, eletricitas, sapateiros, etc. Havia essa união no corpo musical, onde essa mistura não causava divergências na banda, sendo que as faixas etárias dos integrantes variavam de 18 a 60 anos de idade, contendo membros de todas as camadas sociais.

Hoje em dia não é diferente essa mistura de vários jovens das diversas camadas sociais presentes na Filarmônica União Sanfelixta, isto resultado de a instituição ser um espaço de interatividade que como o próprio nome já diz, une todas as pessoas, independente de suas condições sociais, gênero, cor, que devido ao abrilhantamento da banda nas suas diversas apresentações atraem todo esse público e a forma de ingressar na banda é necessária toda uma preparação, a iniciação musical é fundamental para o aprendizado do músico, com isso, os alunos passam pela escola de música Maestro André Luís Rocha Santos³⁶, que é o primeiro passo para qualquer jovem, assim que, ingressasse na filarmônica. O aprendizado é individual, sendo que cada aluno possui seu caderno de música, onde o professor passa as lições a serem estudadas e ao final do estudo os alunos retornam para apresentar ao instrutor.

Nesse tempo de escolinha o aluno aprende quais são as divisões rítmicas, a solfejar, definições de harmonia, melodia e ritmo, utilizando a cartinha do (ABC Musical). Após todo esse processo o aluno partiria para o instrumento que escolheu, e sua chegada à banda depende de seus estudos, pois a partir disso o instrutor que em muitos casos era o próprio regente analisaria se de fato o aluno estava apto para ingressar na banda.

Atualmente, a escola de música contém cerca de 60 alunos da escola de iniciação musical, onde esses alunos passam por um processo que tem seu início no solfejo musical, a partir disso ele aprendem as primeiras divisões musicais. De acordo o tempo que os alunos vão obtendo desenvoltura, os mesmos começam a integrar pequenos grupos praticando o que aprendeu em um instrumento bastante conhecido, a flauta doce. Durante o período de prática com a flauta doce, eles ainda passam a conhecer princípios básicos da teoria musical e assim vão cada vez mais ganhando conhecimento e aplicando o que aprendeu com apresentações em grupo pela cidade.

Depois de passarem pelos processos anteriores, os alunos ficam habilitados a pegar instrumento e assim prosseguir para uma nova jornada, que é pôr em pratica tudo aquilo que

³⁶ O nome da escolinha foi feito para homenagear esse grande músico, maestro, professor que colaborou e contribui até hoje com a filarmônica, onde dedicou sua vida para esta família chamada União Sanfelixta.

já foi passado como o solfejo, conhecimentos básicos de teoria e aulas e práticas com a flauta doce. Já com o seu instrumento em mãos, os alunos passarão pela iniciação básica e técnicas de aperfeiçoamento no seu instrumento, passando assim a praticar em grupo estudos com métodos e posteriormente algumas partituras e finalmente começam a estudar repertórios comuns da filarmônica para assim estrear na banda principal.

Vale ressaltar que leva um determinado tempo para cada aluno passar de um processo pro outro até chegar a fase de pegar o seu instrumento, esse tempo pode ser de alguns meses ou até mesmo no mínimo de 1 ano, isso dependendo do desenvolvimento do aluno ou a disponibilidade de instrumentação da filarmônica, diferentemente da década de 60-80, que levava menos tempo as vezes devido ao método utilizado que não incluía por exemplo aulas de teoria musical obrigatória e pratica na flauta doce.

Mas um fator que permanece até hoje, são as questões dos fardamentos das filarmônicas semelhantes à de militares, na qual o da União à farda número 1 é toda branca, composto por túnica e calça que se assemelha ao da marinha. De acordo com CAZAES (2014, p.50),

“As filarmônicas mantiveram suas características tradicionais, ou seja, o fardamento permaneceu o mesmo, similar ao vestuário das bandas militares, calça reta, casaco fechado e quepe, o que era favorável em época de ditadura militar, ou dito de outro modo, a escolha do que deveria permanecer ou ser modificado de acordo com o que era conveniente ao regime militar.”

Contudo, a União Sanfelixta, permaneceu por muitos anos se mantendo com a ajuda de sócios e admiradores, rifas, jantares e sessões de cinema beneficentes e o pouco recurso quando era pago pelo governo municipal e alguns casos externos vindos do Estado, mas nem por isso a instituição parou de funcionar e permanece até hoje uma filarmônica centenária sem ter fechado as portas em nenhum desses anos, pois ela ainda representa muito para a sociedade Sanfelixta enquanto entidade sociocultural, que forma o jovem, como um indivíduo ético, atraindo cada vez mais jovens de todas as idades para esta magnífica instituição musical.

À vista de tudo que foi analisando neste capítulo, podemos perceber que os conflitos entre as filarmônicas atualmente não passa de meramente musical, onde as bandas querem sempre realizar apresentações impecáveis diante da outra, ao contrário do que ocorriam ao longo do século XX, havendo agressões, facas, tiros, etc. Além disto, fazendo uma comparação entre o regime militar e hoje em dia, percebemos que as filarmônicas continuam recebendo poucos recursos financeiros pelos órgãos públicos, sendo que os subsídios que chegam tornam-se insuficientes para atender todas as demandas tidas como básicas para a

manutenção de qualquer instituição. Apesar de ter poucos fundos adquiridos, estas entidades filantrópicas hoje buscam parcerias com as prefeituras numa tentativa de se manter, mas vale ressaltar que as filarmônicas diferentes da ditadura como mencionei, evitam ter vínculos políticos partidários por ser um lugar que atende todos os jovens da sociedade sem distinguir a sua bandeira partidária, pois é um espaço de educar, entreter e contribuir para a formação ética de cada um. Portanto, as bandas deveriam ser valorizadas pela sua história, por sua contribuição na sociedade e por ser um patrimônio cultural, que superou diversos problemas, mas permanece resistente ao tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho intitulado “Sociedade Filarmônica União Sanfelixta: uma instituição resistente ao tempo” teve por objetivo analisar o papel que esta filarmônica desempenhou durante o período de 1960-1985, durante o contexto da ditadura militar, buscando e levantando questões acerca de como esta mantinha sua estrutura, funcionamento, meios para manter-se financeiramente, os eventos a qual participava e o papel que ela desempenhava na sociedade Sanfelixta.

Esse tema foi de fundamental importância para mim, devido a minha história de vida está atrelada a esta instituição, que tem um grande significado para toda sociedade Sanfelixta. Pois, a filarmônica tem um papel fundamental na formação não somente musical, mas na formação ética do indivíduo perante a sociedade, onde ela educa, disciplina, transforma além de conduzir e incentivar a trilhar para outros caminhos não só na carreira militar. Sendo que este trabalho contribui não somente para estudar a minha filarmônica, mas acrescentou no meu conhecimento histórico e teórico acerca da forma que estas instituições eram vistas durante o regime militar, que reprimiu muito a cultura do país; além de colaborar com a construção de uma fonte histórica sobre a União Sanfelixta.

Durante as pesquisas realizadas, foi observada a participação da mulher na instituição, não somente ocupando cargo em serviços gerais, mas fazendo parte do corpo administrativo nas secretarias, tendo voz ativa nas reuniões e na estruturação da Filarmônica União Sanfelixta, destacando a senhora Zilda Brito e Gilnath por estarem presentes por volta de quase duas décadas vestindo a camisa da instituição.

Uma fonte importante na formação deste trabalho foi o periódico Correio de São Félix, onde analisei todas as edições de 1960 a 1974, nelas foram encontradas publicações que enriqueceram esta pesquisa, como os eventos que a União participou (desfiles cívicos,

procissões, festival de filarmônicas, inaugurações) e as formas de captação de recursos para sua manutenção (rifas, bailes, doações).

As investigações realizadas poderiam ter contribuído mais ainda para a construção desse trabalho, porém o que prejudicou e tornou difícil encontrar mais respostas para alguns questionamentos foram à ausência de alguns registros da filarmônica devido a perda de muitos documentos, pois a região sofreu muito com as enchentes do Rio Paraguaçu que ocorriam frequentemente. Porém, não considero ter sido prejudicial no trabalho já que a maioria das questões foi encontrada respostas.

Na análise de documentos e fontes historiográficas encontradas, podemos constatar que as filarmônicas sempre tiveram pouca ajuda dos governos, apesar de seus gestores estarem ligados com a política, porém apesar do período de estudo ser durante a ditadura militar no Brasil, estas instituições não sofriam perseguições devido ao seu padrão, sua conduta está ligado ao militarismo, como a postura, a forma de marchar, os fardamentos, etc.

A realização desta pesquisa detectou que a Sociedade Filarmônica União Sanfelixta durante o regime militar era uma instituição ligada ao campo partidária de direita, pois seus membros tinham vínculos com o partido Aliança Renovadora Nacional (ARENA), que era ligado ao governo no período. Porém, mesmo tendo essa ligação e com a implantação de programas de apoio a cultura pelo Estado, os recursos obtidos eram pouco e as medidas para obtenção de fundos foram adquiridas através dos sócios, rifas, jantares e bailes beneficentes, aos concertos pela cidade, algumas vezes por meio da parceria com a prefeitura.

A Sociedade Filarmônica União Sanfelixta está há 102 anos presente na sociedade Sanfelixta, levando a todos a boa música, buscando sempre essa aproximação com os moradores, tentando incentivar os jovens a aprender música, alegrando os festejos seja de cunho religioso ou cívico, levando o nome e um pouco da história do município durante suas apresentações em outros municípios da Bahia, até mesmo a outros estados mostrando nossa cultura, que precisa ser valorizada e reconhecida cada vez mais.

Por conseguinte, mesmo décadas depois do regime militar as bandas filarmônicas continuam limitadas para realização de atividades socioculturais, para a manutenção básica de seus fardamentos, instrumentos, devido a essa falta de captação de recursos, pois pelo papel que desempenham estas instituições, por suas contribuições, sendo um espaço de educação, entretenimento deveriam ser mais valorizadas pelas autoridades. Mesmo com poucos recursos a União Sanfelixta continua realizando projetos, educando os jovens e continua resistente ao tempo.

FONTES

1. PERIÓDICOS:

Jornal *O Correio de São Félix*, (1960-1975).

(Acervo do Arquivo Público Municipal de São Félix).

2. DOCUMENTAÇÃO OFICIAL

Livro de Ata da Sociedade Filarmônica União Sanfelixta, 1960-1985. Acervo da filarmônica.

Estatuto da Filarmônica União Sanfelixta, reformado em 7 de setembro de 2009.

3. FONTES ICONOGRÁFICAS

Foto da sede da Sociedade Filarmônica União Sanfelixta, situada na Ladeira da Misericórdia, São Félix. Acervo da instituição.

Foto da Filarmônica União Sanfelixta participando dos festejos do 2 de Julho de 1960. Acervo do Arquivo Público Municipal de São Félix.

Foto da Filarmônica União Sanfelixta na festa do padroeiro de São Félix, década de 70. Acervo do Arquivo Público Municipal de São Félix.

4. FONTES ORAIS

Ademario Bispo (músico da União Sanfelixta), 78 anos, aposentado, entrevista concedida em 09/08/2017.

Gilvan Côrtes do Rosário (músico União Sanfelixta), 61 anos, bancário aposentado, entrevista realizada no dia 11/09/2017.

Gilnath Guedes (Secretária da União Sanfelixta), 72 anos, professora aposentada, entrevista realizada no dia 19/09/2017.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Júlio Ramos de. Efemerides Sanfelixtas. Um pouco da vida de minha Terra. São Félix, 1953.

BINDER, Fernando Pereira. Bandas Militares no Brasil: difusão e organização entre 1808 e 1889. Dissertação de Mestrado em Música, vol. 1, São Paulo: Unesp, 2006.

SOTUYO BLANCO, Pablo. Filarmônicas da Bahia: tradição cultural incentivada ou politicamente dependente?. In: XVI Congresso da ANPPOM, 2006, Brasília - DF. ANPPOM - Brasília 2006 - XVI CONGRESSO - Anais [CD-ROM]. Brasília - DF: Editora UnB, 2006. v. 1. p. 489-494.

CALABRE, Lia. Política cultural no Brasil: um breve historio. Salvador, Bahia, 2005.

CAJAZEIRA, Regina. Educação continuada à distância para músicos da filarmônica Minerva: gestão e curso Batuta. 2004. Tese (doutorado em Música) – Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

CAZAES, Melira Elen Mascarenhas. NO RITMO DO COMPASSO, A MELODIA DAS FILARMÔNICAS EM HARMONIA COM O TEMPO: Um estudo sobre a Lyra Ceciliana e a Minerva Cachoeirana (1960-1980). Feira de Santana, 2014.

COSTA, Manuela Areias O “Maestro da Abolição” no Recôncavo baiano: abolicionismo e memória nas músicas e crônicas de Manoel Tranquilino Bastos (Cachoeira - BA, 1884-1920) / Manuela Areias Costa. -- Rio de Janeiro, 2016. 237 f.

DANTAS, Frederico. Composição para banda filarmônica: atitudes inovadoras. Salvador, 2015.

FERREIRA, M. M.. História, tempo presente e história oral. Topoi (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 1, n.5, p. 314-332, 2002.

GIL, Antônio Carlos, 1946. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

LIMA, Hanayana Brandão G. F. Políticas culturais na Bahia: panorama histórico. In: Seminário Internacional de Políticas Culturais, 2011, Rio de Janeiro. Desafios: os campos da formação em gestão cultural e da produção de informações. Fundação Casa de Rui Barbosa: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011.

LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos (1a ed. 2005; 2a ed. 2006, 2a ed. 1a reimpressão 2008). In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). Fontes Históricas. 2aed.São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111-153.

MACIEL, Bruno Bastos. Políticas culturais no estado da Bahia 1945/1964. Salvador, 2006.

MOREIRA, M. S.. Aspectos históricos pedagógicos e sociais das Filarmônicas do Divino e Nossa Senhora da Conceição do Estado de Sergipe. 2008. Tese de Mestrado.

NASCIMENTO, Luiz Cláudio Dias do. A Capela D'Ajuda já deu o sinal: relações de poder e religiosidade em Cachoeira. Cachoeira: CEAO, 1995.

NAPOLITANO, Marcos. No entanto é preciso cantar: a cultura entre 1964 e 1968. In:_____. 1964: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.

ORTIZ, Renato. A moderna tradição brasileira: Cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo, Brasiliense, 1989. p. 79-123.

PERRONE, Maria da Conceição Costa ou PERRONE, Conceição; CRUZ, Selma Boulhosa Alban. A Música em Salvador: Um Breve Percorso Histórico. Instituto de Música Um Século de Tradição Musical na Bahia, Revista Eletrônica URUCUNGO, v. 1, n.1, p. 1-8, 1997.

RAMOS, Jorge. O semeador de orquestras: história de um maestro abolicionista. Salvador, Bahia: Solisluna, 2011.

REIS, João José. “Magia Jeje na Bahia: a invasão do Calundu do Pasto de Cachoeira, 1785.” In: Revista Brasileira de História, v 8, n. 16, São Paulo, mar/agos. 1988, pp.57-81.

RUBIM, Antônio Albino Canelas; ROCHA, Renata, (Org.). Políticas culturais. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 29-48

SAMWAYS, Daniel Trevisan. Censura à imprensa e a busca de legitimidade no regime militar. In: IX Encontro Estadual de História - Vestígios do Passado: a história e suas fontes, 2008, Porto Alegre. IX Encontro Estadual de História - Vestígios do Passado: a história e suas fontes, 2008.

SANTANA, Charles D'Almeida. As Filarmônicas e a música urbana no Recôncavo. In: CASTELLUCCI JUNIOR, Wellington; LEAL, M. G. A. MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira (Org.). Capítulos de História da Bahia: novos enfoques, novas abordagens. São Paulo: Annablume, 2009. p. 266-286.

SANTOS, Edilene Sales. Filarmônica Lira Popular Muritibana: um patrimônio Cultural do Recôncavo da Bahia / Centro de Artes, Humanidades e Letras/UFRB. – Cachoeira/Bahia, 2017.

SANTOS FILHO, Juvino Alves. Manuel Tranquillino Bastos: estudo de duas obras para clarineta - Tese de Doutorado. Salvador: Programa de Pós- Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia, 2003.

SCHWEBEL, Horst Karl. Bandas, filarmônicas e mestres na Bahia. Salvador: CEB/UFBA, 1987.

SOUZA. Oséas Fernando. Atividade econômica do município de São Félix. Arquivo Público Municipal Dr. Júlio Ramos Almeida. São Félix, 2005.

UCHÔA, Sara. Políticas Culturais na Bahia (1964 – 1987). Salvador, UFBA: 2006.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO DAS ENTREVISTAS

1. Em que ano ingressou na filarmônica e qual função ocupava?
2. Por qual motivo resolveu participar da filarmônica? Algum membro de sua família fazia/fez parte da instituição?
3. Como era a relação das filarmônicas com a Igreja Católica?
4. Como era a relação da filarmônica com o poder político?
5. Em quais eventos a filarmônica participava?
6. Qual o perfil do público que acompanhava a filarmônica?
7. Quais métodos eram utilizados na escola musical da filarmônica?
8. Qual o número de músicos que integravam a banda?
9. O que a filarmônica representava nesse período (1960-1985) para a população Sanfelixta?
10. Quais eram os repertórios que a filarmônica executava? Era o mesmo estilo para todo evento?
11. Quais eram os perfis dos músicos da banda?
12. Havia conflitos interno/externos ou alguma perseguição na banda?
13. Existia alguma remuneração ou gratificação para os músicos nesse período?
14. Como era que ocorriam as eleições na filarmônica? Quem poderia participar e votar?
15. Qual era o perfil dos sócios?
16. Existia a participação da mulher na filarmônica, se sim, em qual função?
17. Como a filarmônica se mantinha financeiramente?
18. A filarmônica possuía sede própria?
19. Por quanto tempo participou da filarmônica e o que levou a saída da instituição?
20. Quais as experiências e vivências marcantes que você viveu na filarmônica. Relate.

ANEXOS – Fotos

Foto 1: Sociedade Filarmônica União Sanfelixta pelas ruas do município (1960)



Fonte: Arquivo Municipal de São Félix

Foto 2: Sociedade Filarmônica União Sanfelixta em forma na frente da sede (década de 70)



Fonte: Arquivo Municipal de São Félix

Foto 3: Foto da União Sanfelixta na comemoração do seu centenário (2016)



Fonte: Filarmônica União Sanfelixta

Foto 4: Filarmônica União Sanfelixta no cortejo do 2 de Julho em Salvador



Fonte: União Sanfelixta (2017)

Foto 5: Filarmônica União Sanfelixta depois de ter participado da missa em comemoração ao seu aniversário de 100 anos



Fonte: União Sanfelixta (2016)